



Lya
Luft
o quarto
fechado

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Lya Luft | *O quarto fechado*

4ª edição


E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2008

L975q Luft, Lya, 1938-
4ª ed. O quarto fechado [recurso eletrônico] / Lya Luft. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.
Recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09375-2 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-0200

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © 1984 by Lya Luft

Projeto de capa: Evelyn Grumach

Projeto gráfico da versão impressa: Evelyn Grumach e Carolina Ferman

Ilustração de capa: Pintura de Lena Bergstein

Todos os direitos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09375-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



Para *Lígia Averbuk*, que antes de morrer tão prematuramente escreveu sobre este livro:

*“Muito obrigada por me teres deixado ler estes originais.
É preciso coragem para enfrentar este assunto: a Morte.
Nada mais humano do que ela, centro da angústia de viver.
O quarto fechado é um livro sobre a luta entre viver e
morrer, um flagrante da perplexidade nossa ante um ciclo
do qual não se foge.
Acho que escrevê-lo deve ter te angustiado muito. Cada
página ainda me pesa, com dor, porque hoje em dia a
morte é, para mim, uma experiência menos remota.”*

São Paulo, novembro de 1983.

*“Quando pensamos estar dentro da vida, a Morte
põe-se a chorar dentro de nós.”*

(Rilke)

Sumário

Primeira Parte: A ilha

1 |

2 |

3 |

Segunda Parte: As águas

4 |

5 |

6 |

Terceira parte: Tânatos

7 |

8 |

Primeira parte | *A ilha*

Ele dava os primeiros passos em sua Morte, abraçado a ela, que o instruía devagar. Não havia pressa: à deriva, lentamente, afastava-se de um mundo que não interessava mais. Tinha o rosto de um adolescente, quase uma delicada mulher. Mas, recoberto de uma poeira dourada, perdera a juventude e ostentava aquela máscara solene: o gelo de uma nova sabedoria.

Nada o incomodava: vozes, tosses discretas, portas abrindo-se e fechando; pessoas aproximando-se, curiosas, consternadas. Estava imune até mesmo ao fluxo de emoções que circulava entre o homem e a mulher em cadeiras dos lados de seu caixão. Praticamente não se falavam; sentiam-se expostos, feios e nus. A dor partilhada em público unia-os numa intimidade que não desejavam mais.

Se pudessem, gritariam sem pudor algum, com uma dor e uma perplexidade irrompidas do fundo das entranhas:

— O que é isso, a Morte? O que está fazendo conosco?

Mas calavam-se, procurando ignorar um ao outro.

A mulher parecia muito cansada; os dedos largados no colo moviam-se de vez em quando, num teclado de vento. O marido, ao contrário, estava tenso: a qualquer momento poderia levantar-se da cadeira e golpear com punhos cerrados o peito ossudo d'Aquela que, sem sua permissão, reinava na casa.

Havia poucas pessoas velando o morto àquela hora, nas cadeiras junto às paredes laterais da sala onde tinham arredado móveis para dar lugar. Os que saíam da casa erguiam a gola do casaco, franziam a testa, antes de mergulharem num mundo aniquilado pelo nevoeiro. A névoa grudava-se na casa, querendo entrar, enroscava-se nas plantas, nas pessoas, insistente e desesperada.

Mesmo assim, ao sair todos respiravam fundo o ar molhado: era melhor do que a atmosfera lá dentro, o enjoativo odor da morte, velas e flores, e corpos de pessoas que sofriam.

Os que continuavam na sala estavam atordoados pelo cansaço, o frio e o desconforto. Fumaça de cigarro embolava-se debaixo do lustre, num cenário falso de teatro. Alguém bocejava a intervalos, nem se dava mais ao cuidado de disfarçar.

No meio da sala, sobre pernas de metal enfiadas na sombra, o caixão e seu passageiro pareciam boiar numa água escura.

O pai, ao lado dele, esticou as pernas procurando uma posição melhor, mas encolheu-as de novo, envergonhado de mover-se ainda. Era um homem enérgico mas sentia-se inseguro nos territórios da morte. Queria chorar, revoltar-se, agir.

Quem era sua Adversária? Sombras enganosas que só fingem sutileza, estão em toda parte e em parte nenhuma.

Da outra margem, Renata observava disfarçadamente o marido. O ex-marido, o homem a quem tinha amado: Martim. Sabia de cor cada vinco do rosto, cada detalhe e segredo do corpo. A amargura, a decepção de agora não desfiguravam os traços que ela amara na juventude.

Vivera com ele, dormira com ele, muitos anos. Fizera-o sofrer. Com ele passara da exaltação à estranheza, da paixão ao rancor, com ele vira desmoronar o que pensavam construir para sempre. Mas uma distância interior jamais fora vencida. O fervor e a doçura se tinham feito impaciência, de amantes passaram a estrangeiros. De quem a culpa?

Pianista de sucesso, Renata descera dos palcos para o mundo de Martim, um mundo terra-a-terra, forte e racional. Numa idade em que seus hábitos estavam arraigados, não conseguira mais mudar. Tentara trocar a arte pela vida doméstica, mais cedo o novo ambiente lhe pareceu vulgar. Até então concentrada em si mesma, não conseguia se repartir.

Não, o amor não bastara. Tinham passado todos os estágios de uma lenta, dolorosa separação. Raramente se viam: evitavam-se, receando novas cenas.

— Eu não sirvo para casar — dizia ela antigamente, vendo mulheres de sua idade rodeadas de filhos. Depois de casada, tarde demais, reconheceu que tinha razão. Embora solitário, para ela o exercício da arte fora menos complexo do que o exercício do amor humano.

“Eu te amei como podia amar”, pensou, esforçando-se para não ficar encarando Martim. Os planos, os sonhos desfeitos como uma figura de cera à qual se aproxima uma chama: tudo derrete, a beleza torna-se caricatura.

Filhos: em vez de serem elos, transformavam-se em problemas e mais separação. Aquela noite, sentados diante do morto, os dois partilhavam a dor, estrangulados pelo mesmo grito mudo:

— O que foi que eu fiz de você, meu filho?

•

“Nunca amei assim outra mulher”, pensou Martim. “Tive tantas, mais bonitas, alegres, sensuais; mas essa, que me atormentou, me significa mais que todas .”

Envergonhava-se: Renata fora a sua fraqueza, sua humilhação. No começo ele pensava ser forte, ia ensinar-lhe a vida e conquistar aquele mundo interior dela, que o atraía tanto. Mas o que nela havia de especial era inatingível para um homem como Martim. Por mais que a amasse, era preciso algo além disso: capacidade de a compreender, participar. O convívio acabara num constante desconforto, Martim sentia: “ela me observa, me analisa. E me reprova.”

Fora uma estranha na casa, na mesa, na cama. Podia deitar-se com ela, mas quanto mais forçava por entrar também na sua alma, mais se desatavam os laços. Mesmo querendo não conseguiram mais ordenar aquela teia. Renata instável: ora carente de amor, depois fria, pérfida, fazendo tudo para o ferir.

— Eu sempre acabo ferindo as pessoas que amo — confessara numa ocasião, chorando. Mas cada vez mais se isolava.

Também em relação ao filho morto, pai e mãe sentiam sua impotência: se o quisessem amar agora, como antes não tinham conseguido, se o quisessem compreender, por mais que estivesse quieto e indefeso, seria bater num aposento trancado do qual ninguém tem a chave; nem mesmo seu novo morador.

•

Aquela inatividade angustiava Martim: se pudesse fugir dali, fazer alguma coisa. Suspirou, descruzou as mãos, cruzou-as novamente ao colo. Por um momento elas emergiram poderosas na claridade.

Renata as viu, e não pôde fugir das lembranças:

— Você tem mãos de pianista — dissera um dia, beijando-as com paixão, os dedos, palmas, pulsos.

— Mas eu não sou um dos seus delicados amigos artistas — respondera Martim, sério. — Sou antes de tudo um homem do campo, não se engane. Um bruto que vai se casar com uma fada — acrescentara, rindo. Comprimira de leve o crânio estreito dela, enredando os dedos na cabeleira crespa: — Posso esmagar uma fada com estas mãos.

Renata abriu bem os olhos, para espantar a fadiga e a memória que a queriam tragar. Sua atenção voltou ao quadro no patamar da escada. Sentada ali há tantas horas, à medida que a noite avançava e já não a vinham abraçar indagando detalhes daquela morte, sobrava tempo para analisar mais uma vez seu quadro predileto sob uma nova luz. Castelo, prisão? Um pequeno cais deserto. Sempre desejara saber o

que significava aquilo, desde criança, quando o quadro dominava a sala da casa de seus pais.

Todos os mortos iriam para um lugar como aquele? Era irreal imaginar que, embora essa Ilha existisse, as pessoas continuavam andando, falando, mulheres cozinhando, crianças indo à escola. O quadro era muito mais intenso do que o cotidiano.

“Um dia eu embarco”, pensava em pequena, parada diante da tela.

— Mas que coisa mórbida, não é para uma menina olhar — dizia a mãe, puxando-a dali. A Ilha: soturna e sedutora, feita por um amigo do pai há muitos anos, cópia de um original que ninguém conhecia. O amigo morrera, e talvez como homenagem conservavam a lembrança na sala, embora não gostassem dela.

— Coisa de igreja — diziam.

No canto inferior da pesada moldura, à direita, lia-se numa plaquinha de metal:

“ILHA DOS MORTOS”

Renata amava aquele quadro. Conseguira que seu piano fosse colocado de modo que nas longas horas de estudo o pudesse ver sem esforço. Imaginava-se nele: a morte não lhe daria medo se fosse atracar ali. Tudo vibrava, palpitava por trás da cena imóvel. Ela conseguia respirar aquele ar pesado, tatear os contornos das muralhas contra o fundo sombrio. Janelinhas, ciprestes, uma água de vidro negro. Um barco digiria-se para lá; na proa, em pé, um vulto embuçado. Não se lhe via o rosto, voltado para a Ilha, mas Renata o imaginava esquelético, olhos fosforescentes: olhos de bicho no escuro. Aquele ser concentrava-se em seu objetivo, tendo à frente, atravessado, um esquife coberto de panos brancos.

Renata levava o quadro consigo quando, mortos os pais, vendera a casa trocando-a por um apartamento. Depois de alguns anos, casada, pedira que o pendurassem ali naquela casa: o patamar da escada, onde os degraus de madeira esperavam um pouco antes de subirem para a escuridão.

O quadro era uma das recordações da vida antiga de Renata, fechada no grande aposento claro da sua música. Fora uma menina solitária, uma adolescente quieta; não que fosse triste; porém disciplina e solidão isolavam sua vida.

— Ninguém pode ter tudo ao mesmo tempo — dizia sua mãe. Renata tocava piano quando outras meninas brincavam com bonecas; atravessava a cidade, pálida, agarrada às partituras, quando outras moças iam com namorados ao parque.

Só tivera um namorado: Miguel, amigo de infância, seu anjo protetor. Hoje era difícil até reconstruir seus traços. Talvez estivesse casado, talvez morto.

Renata o amara na juventude, do jeito que sabia amar: um pouco distante, e sempre em segundo plano. Encontros abreviados, adiados. Ela esquecia de Miguel porque precisava ser livre, disponível

para a sua arte: a força que brotava no seu interior e a dominava.

Ele aceitava tudo sem queixas. Miguel, quase fraterno. De parte dela, um amor distraído.

A carreira de Renata começara a erguer-se entre os dois. Por fim o namoro estorvava, quando, destacando-se, ela começara a dar concertos, viajando para se aperfeiçoar. Miguel era a perda de um tempo precioso, e resolveram que o melhor seria a separação.

Ele chorara na despedida. Para não fraquejar Renata precisara ser cruel. Mas no último momento pegara o rosto dele nas mãos, e, beijando-o ainda uma vez, dissera:

— Não tenho nada para te dar, Miguel. Nada. Só tenho uma paixão na vida, a música. — E acrescentara, convicta: — Não vou me casar nunca.

Não, ela não mentira: só o piano conseguia impor ritmo e ordem ao caos interior que a dominaria se parasse. Talvez fosse isso mesmo, a arte: compulsão de abismo, para manter a alma inteira.

Mais tarde, casada com outro, Renata pensaria muitas vezes em Miguel. Na verdade casar-se não fora apenas trair a sua vocação, mas também trair o antigo amor. Então, sentindo-se perdida, lembrava Miguel, pensando que com ele tudo poderia ter sido diferente.

No início não sentira muita falta dele. Mas, morrendo-lhe os pais e passados alguns anos, percebia a solidão e vacilava: teria tomado a decisão certa? A exclusiva entrega à carreira deixava agora muitos espaços vazios. Fora amada mas amara tão pouco. Fora egoísta. Talvez tivesse sido necessário, natural, para concentrar-se na música. Porém aos poucos isso a foi amargurando.

“Ela tem um dom”, haviam comentado em família quando revelara uma precoce vocação musical. Tratavam-na como a uma pessoa especial e, sem falsa vaidade, ela pensava: “Não sou uma pessoa como as outras. Sou uma artista.”

Era a um tempo privilégio e dor.

Não tivera tempo nem disponibilidade para amizades profundas. Exceto Miguel, tudo fora superficial. Talvez, pálida e grave, mas com aquele secreto poder que manifestava ao piano, intimidasse os jovens da sua idade.

Quando conhecera Martim andava inquieta e infeliz. Seria só aquilo, a vida? Nunca se fizera concessões, nunca cedera ao corpo, que exigia seus direitos.

Sozinha no apartamento, começava a desinteressar-se de seus livros e discos. Algumas vezes a arte lhe parecia uma condenação.

•

Renata desviou os olhos da Ilha. Baixando-os um pouco mais, pousariam no filho morto: Camilo. Pela primeira vez, tinha de imaginá-lo separado de sua irmã gêmea: sem ela, estaria inteiro na sua morte?

A caminho da Ilha num barco como aquele, não teria medo da vigilante criatura que o levava? Parecia tão calmo na travessia: nunca mais seremos os mesmos depois que alguém...

“Ele sempre teve atração pela morte”, lembrou Renata.

Certa vez na escola morrera um menino, filho de amigos da casa, dos poucos que se aproximara mais de Camilo. Carolina não quisera ir ao velório, mas Camilo insistira, e Renata o tivera de levar. Ele ficara sentado junto do caixão branco, as mãozinhas agarradas à borda, olhando o que restava de quem há dias ainda sorrira para ele.

Na volta para casa não parava de falar, excitado, relatando o que vira. Mas a mãe notava que falava para si mesmo, era para si que descrevia tudo, como quem conta a beleza de um quadro visto numa exposição. O rosto branco do morto; o cabelo ainda lustroso; suas mãos imóveis.

— Eu peguei nelas, mas já não eram as dele.

Renata sentira muita pena: praticamente seu único amigo, e se fora.

O que ela não sabia era que, embora nunca mais falasse o nome dele, Camilo não esqueceria. Uma criança como ele, talvez nove, dez anos. A única pessoa de quem conseguira se aproximar além de Carolina. A primeira abertura, a possibilidade de outro contato além daquele círculo onde girava com sua outra metade desde antes do nascimento.

Para todos o morto fora talvez um menino comum, mas fisicamente dotado de uma beleza que nem Camilo nem sua irmã tinham. E Camilo amava a beleza. Chorava ao ouvi-la no piano de sua mãe, vendo-a nos livros de figuras que havia pela casa; era capaz de chorar quando, alguma vez, a luz tocava de leve nos cabelos de alguém levantando reflexos. Camilo amava seu amiguinho: pequeno pajem de contos de fadas.

Não havia entre eles intimidade: adoração muda em Camilo, o outro talvez nem saberia nada. Mas Camilo aspirava com delícia o ar que o amigo respirava; roçava a mãozinha magra na sua roupa, e depois, sozinho, encostava os dedos no rosto pensando: “tocaram nele”.

Camilo estava apaixonado. Não compreendia isso, nem media a dimensão da própria singularidade, mas pressentia: existem coisas fora de mim e de Carolina.

Então o amigo morrera. Uma breve enfermidade e fora-se aquele que, dias atrás, se debruçara sobre o mesmo livro com Camilo. Carolina ao lado sentia: ele respira só o ar que vem das narinas do outro, já não sou tudo para ele.

Depois da morte Renata ficara tranqüila. Nessa idade esqueciam depressa.

Mas o outro estava preservado. Sem pensar muito nele, Camilo sabia: “é meu para sempre agora”. Toda a beleza, a ternura, o amor iam-se misturando numa nuvem, imprecisa noção de felicidade possível. Na memória de Camilo o rosto da criança morta se desfez, nem um perfume sobrou, um gesto. Tudo fora transferido para aquele espaço maior de atração: na Morte estão as coisas mais belas que um dia serão minhas.

No começo da noite Renata algumas vezes esperara que ele saltasse dali, correndo pela sala com seu riso nervoso, agitando os braços.

Carolina nunca o acompanhava nesses arrebatamentos: contemplava o irmão entre os cílios claros, um sorriso cúmplice. Era isso que havia entre os gêmeos: um pacto sombrio? Ou talvez fosse luminoso.

Renata nunca soubera dizer: os filhos, tão distantes do coração dela, amados com tamanho pudor e frios contatos, eram apenas duas figuras graciosas.

Pensou na filha, que dormia no andar de cima: fora a metade mais fraca da entidade que era Camilo e era Carolina; seguia o irmão, venerava-o, faria sempre o que ele pedisse. Renata tinha certeza de que se comunicavam também sem falar, na força do pensamento nascido da mesma fonte: o ventre dela.

Tinham sido uma unidade, nada fora deles mesmos parecera interessar-lhes grandemente, empenhados numa encarniçada, silenciosa busca de unidade.

Mas agora a Morte desferira seu bote, rompera esse círculo ao meio, e ninguém sabia o que seria de Carolina.

•

— O que será de Carolina?

Todos indagavam-se, sussurravam na sala, diziam baixo na cozinha, no jardim. “O que será de Carolina?” A pergunta pairava no ar, arfava. Talvez até a moradora do quarto no fim do corredor, no andar de cima, percebesse que algo mudara na casa e no mundo; porque sua campainha tocara várias vezes naquela noite.

A mãe inclinou-se para a frente, e disse:

— Meu filho? — “Onde você está?” quis acrescentar, mas calou-se.

Dirigia-se a ele insegura como se não tivesse o direito de o chamar assim. Como se, tão solene em sua morte, ele fosse arquear a sobrancelha naquele jeito seu, fitando-a com olhar impenetrável.

Mesmo que fizesse o que talvez Martim esperara dela, jogando-se sobre o filho a noite toda, beijando sua boca dura e fria, ele não se comoveria mais. O tardio amor da mãe não o alcançava, lá onde ele começava a se encerrar.

E ela queria fazer outra pergunta, que todos dirigem aos seus mortos:

— O que fiz por você, o que lhe dei?

Nunca passara tanto tempo junto dele. Havia detalhes em seu rosto que nem percebera antes. Mesmo em vigílias com os filhos doentes, logo era substituída por uma babá: nervosa, cansava-se depressa, precisava de paz.

Mas agora havia todo o tempo de uma longa noite; havia todo o resto da vida, e o depois.

Morto, ele seria mais abordável? Num singular retorno, poderia ser enfim o filho de sua mãe?

“Nunca fui mãe dele” admitiu Renata. Nem Camilo parecia sentir falta disso, porque se concentrava em sua irmã, os dois suficientes um ao outro.

Camilo e Carolina, fruto que nascera partido em dois, dedicados a refazer essa fragmentação que talvez lhes fosse um sofrimento: por isso teriam aqueles corpos exauridos, os grandes olhos de quem sente dor mas nada pode dizer?

Os gêmeos precisavam tornar-se um só, não tinham outra escolha. Para Martim tudo não passava de capricho, esquisitice provinda da educação frouxa que a mãe lhes dava. Sua indignação, porém, de nada adiantava. Camilo e Carolina fingiam obedecer por algumas horas, dias; liam em cantos separados da casa, dormiam em seus dois quartos, pareciam procurar outras amizades. Mas todos sabiam: era só aparência, era provisório. Os dois como bonecos aos quais alguém fosse entrançando juntos os cabelos, amarrando uns nos outros braços e pernas, e roupas, de modo que o menor movimento de um resultaria em movimento do outro.

Em silêncio, laboriosamente, desenhavam com sangue e pensamento a sua verdadeira imagem, essa que iam parindo em grande aflição: o rosto e o nome que seriam deles quando terminassem.

Para Renata, era perturbador lembrar as tentativas de os separar: salas de aula diferentes, certa vez colégios afastados. Promessas e castigos, os gritos de Martim, que se descontrolava; encontros com psicólogos, professores; tudo em vão. Apartados, Camilo e Carolina iam perdendo o pouco viço: esvaziavam-se como cascas de frutos.

Por fim, todos menos Martim se haviam resignado.

“Eles são assim”, diziam, como antigamente se dissera de Renata: “Ela tem um dom.”



Talvez Martim tivesse razão quando a responsabilizava por tudo aquilo. Renata teria legado aos filhos a sua própria desestruturação? Largando a carreira, parecia ter perdido a capacidade de se manter íntegra. Onde a segurança de outros tempos, onde a claridade interior? Tornara-se uma mulher triste; os filhos apenas prosseguiram numa busca que ela já não tinha condições de realizar.

Além do mais, nunca lhes dera amor natural de mãe. Eram hóspedes na vida, alojados ao lado dela, hóspede também num cotidiano ao qual não se adaptava. Perdoava-lhes as singularidades mesmo que nem sempre os compreendesse. Sofria sabendo que, na escola, os colegas os isolavam ou riam deles: os gêmeos pareciam não se importar.

Gostavam de vestir roupas iguais; podiam-se confundir, com suas calças justas e blusas largas, até as vozes parecidas, roucas. Divertiam-se burlando a família, os conhecidos, trocando de identidade, até que um dia Martim descobrira e fora categórico: Camilo usaria dali por diante cabelos quase raspados, os de Carolina continuariam compridos.

No fundo Renata os admirava, atrelados àquela compulsão. Não faziam mal a ninguém; eram, ao contrário, fáceis de conviver. Não eram pessoas comuns: ela sabia o quanto isso significava de solidão.

Para Martim, era impossível compreender.

Estava agora com o rosto na sombra, apoiado na mão; ainda um belo homem embora o amargor lhe endurecesse os traços.

Quem diria que aquela boca severa um dia explorara o corpo de Renata e pronunciara palavras de

amor?

“Eu me atirei nos braços dele para fugir da solidão e foi tudo uma fraude”, ocorreu-lhe. “Fugi de mim mesma. Tudo o que eu queria era poder ficar sozinha: depois de casada descobri que para mim a solidão era essencial. E Martim me amava demais. Pode, amar demais? Pode: ele não me deixava sozinha, quando tinha de sair para trabalhar eu sabia que o pensamento dele estava lá, cobrando, cuidando, controlando.”

Ele cobrava, sim:

— Você está feliz? Por que essa cara de triste? Por que não se diverte com nada? Por que não gosta da fazenda? Por que não ajuda Clara na cozinha?

“Ele se debruçava sobre mim na cama, à noite, quando eu fingia dormir: perscrutava no rosto da mulher amada, onde ela está, o que pensa, com quem sonha?”

“Eu não tinha nem espaço para ser infeliz”, lembrou Renata. “E cada vez que me deprimia, vinha a culpa: por que estou fazendo isso com ele? Por que não consigo ser uma boa mulher para Martim?”

Durante algum tempo ela tentou beber: quando sozinha forçava o líquido ardente pela garganta, bebia uns goles até sentir tontura, deitava-se e dormia um sono pastoso, ruim. Embriagada ficava mais infeliz; depois de alguns meses desistira. Além de neurótica, bêbada? Não iria suportar.

Então embriagava-se de música e de solidão, quando conseguia: deteriorava-se lentamente, debatia-se. “Estou caindo aos pedaços”, percebia, “estou me desmanchando como coisa que cai na água e fica empapada, pesada, mole.”

Era uma moça? Um rapaz? O sexo não se definia na pessoa deitada na cama, cabelos tapando a cama, mãos apertando o sexo entre as pernas magras. Deitava-se de lado, fechada sobre si mesma como uma navalha. Uma ostra: chamava-se Carolina, mas poderia ser Camilo: o nome lhe assentaria igualmente bem. O que a determinava entre as pernas era inconsistente, apenas dizia que seria Carolina, e usaria cabelo comprido.

Os detalhes externos serviam para aplacar os outros. A realidade era o palco interior, onde os gêmeos representavam sua verdade: medir passo a passo a geografia da sua separação e analisar a possibilidade de a superar. Todo o resto era desimportante. Procuravam ignorar a platéia de rostos que os observavam, cheios de suspeita.

•

Carolina acordava lentamente. Quando começara a gritar e não conseguira controlar o grito, alguém lhe aplicara uma injeção e ela escorregara para um oco de onde saía agora, nauseada e com frio.

“Me deram uma injeção”, pensou. Gemeu, virou-se para o outro lado, encolheu novamente as pernas,

comprimindo o sexo que doía.

— Não vá embora, Camilo! — disse num tom lamentoso.

Não podia acreditar, mas também não tinha coragem de descer para conferir. Camilo deitado num caixão no meio da sala? Naquela tarde, do alto da escada, vira-o sobre o sofá, a mãe tentando segurar-lhe a cabeça que pendia mole, sangue numa grossa atadura ao redor da testa, fazendo o rosto dele parecer ainda menor.

Havia horror nos olhos das pessoas, todas as cabeças menos a de Camilo virando-se para ela: e agora?

Depois ouvira dizer que estava morto. Não podia ser, não podia ser: mas em toda aquela tarde ela já não sentira alguma coisa errada? Um peso no corpo, uma lassidão, um empobrecimento, como se a vida lhe fugisse irreversivelmente?

Camilo e ela sempre tinham vivido naquela estreita margem: se ele enveredasse por algum caminho onde ela não o pudesse seguir, estaria perdida.

Mas podia ser brincadeira dele. Apesar de tudo, das caras horrorizadas, podia ser brincadeira. Ele tinha mania desses jogos estranhos. Quando menores brincavam disso muitas vezes, o jogo de morrer, e era sempre sugestão de Camilo.

Deitavam-se nas duas camas, esticavam-se, cruzavam as mãos no peito, fechavam os olhos. No começo Carolina fazia força para não rir. Mas aos poucos ia sendo levada. Algumas vezes se transfigurava, concentrados na gravidade do brinquedo: um nevoeiro os recobria, uma onda os queria engolir, sugava, sugava-os pelos pés. Empalideciam, a respiração tornava-se lenta e superficial, o grande sono os tragaria para sempre?

Era Carolina quem rompia o jogo, levantava-se tonta, corria até o irmão. Precisava chamar por ele, tocar nele para que voltasse, tão absorvido estava em jogar.

Então às vezes Camilo tinha desses acessos, corria pelo quarto agitando os braços, rindo feito doido, abraçava-a:

— Era tudo mentira, mentira para te assustar.

Carolina mudou de posição, deitou-se de costas virando para o teto o perfil que repetia exatamente a máscara de cera exposta no caixão da sala. Seus olhos bem abertos eram iguais aos que o morto agora recolhia por trás das pálpebras: grandes olhos amarelos, quase da cor do cabelo.

O que estariam mirando os olhos de Camilo? O que teriam buscado com tanto fervor nos olhos dela?

Ultimamente dera para isso: sentava-se quieto ao lado da irmã, segurando-lhe a mão, fitava-a demoradamente. Como quando, em crianças, jogavam o jogo do sério.

Mas não era brincadeira agora: era uma procura agoniada ou doce; às vezes, assustadora. Ele afundava nessa contemplação, insistia, e ela não tinha respostas; era apenas um eco. “Eu sou um eco”, dizia o olhar dela.

Adolescentes, algumas vezes não conseguiam mais contato; o fluxo do pensamento que circulara entre eles tão fácil, mais livre do que o sangue represado, agora estava travado e lento.

Por mais que fisicamente ficassem parecidos, em alguma coisa, em algum lugar, erguia-se um muro. E cada vez essa pequena imperfeição angustiava mais.

“Ele nunca amou ninguém além de mim”, pensava Carolina.

(Ou teria havido, alguma vez, um menino morto? Ou agora mesmo um intruso? Ela não queria pensar.)

Baixou as pálpebras, recolhendo-se também:

“Se Camilo estiver morto, eu já comecei a morrer.”

•

Não tinham nascido iguais. De sexos diferentes, seriam como dois irmãos quaisquer. Parecidos, sim: pequenos, débeis. Mas com o tempo haviam-se tornado mais e mais semelhantes. Renata sabia, todos sabiam sem coragem de dizer: eles *treinavam* para ser iguais.

Exercitavam-se nisso com a tenacidade com que ela outrora se preparara para o seu piano. E adquiririam um do outro a mesma postura, o modo de virar a cabeça, de segurar um livro, de andar. Aquela maneira furtiva de ser.

As pessoas ficavam de início curiosas, depois sentiam desconforto: aqueles dois estariam brincando? Riam-se delas, em segredo? Por que pareciam analisar tudo com esse ar superior?

Renata nunca vira crianças ou adolescentes tão estranhos, exceto ela mesma quando confinada ao piano. Mas ela tivera Miguel, e sua relação com os pais fora muito terna. Os gêmeos não pareciam amar ninguém.

Martim irritava-se:

— Garoto que só anda com a irmã vira maricas!

E procurava separá-los. Levava o menino para a fazenda, para que o filho aprendesse os encantos da vida que lhe fora destinada. Mas Camilo recusava-se a participar, até a comer; chorava, adoecia. Martim trazia-o de volta, exasperado, empurrando-o porta adentro, às vezes aos tapas. E cada vez mais despejava sobre ele uma agressividade desmedida.

Era mais tolerante com Carolina, porque pouco esperava dela: a estatura insuficiente, a palidez que nem remédios nem o sol do jardim de Mamãe conseguiam debelar, suas manias não perturbavam o pai; mas em Camilo tudo o atormentava.

Mamãe sempre sugeria que não forçassem as crianças. Com a idade haveriam de se desenvolver melhor fisicamente, e ficariam mais alegres, mais sociáveis.

Martim não se conformava, não compreendia aquele menino esquisito que jamais seria seu herdeiro, nunca o ajudaria nos negócios e na fazenda. Camilo lhe parecia inquietante como a mãe. Desde que a conhecera Martim não tivera a vida ordenada e simples a que estava habituado, que lhe servia. O sono, a vigília, a pele, o pensamento, tudo ficava embebido daquela ansiedade de amar Renata. E a semente dele naquele ventre também se perturbara: Camilo e Carolina, frutos inesperados, alheios ao mundo onde

deveriam crescer, crianças estranhas.

•

“Eles tinham um dom”, pensou Renata, lutando para não chorar mais. “E o desenvolveram muito melhor do que eu desenvolvi o meu.”

“O que fiz com o meu dom?”, perguntou-se. “Há quanto tempo não toco? Mais de seis anos? E isso mudou em alguma coisa a vida de todos? Alguém ficou mais feliz com isso?”

Espalmou as mãos, dedos magros e fortes, agora destreinados. Tinham perdido o sortilégio. Tempo demasiado sem tocar, sufocando o ímpeto antigo. Para aliviar-se levantava de noite, andava pela casa, ou pelo campo se estavam na fazenda; precisava soltar essa energia para se recompor interiormente.

Nos primeiros anos tocara muito piano, sempre que podia ficar só. Mandava os gêmeos para a casa de Mamãe e tocava tremendo de prazer. E de dor, porque sabia: com a falta de exercício perdera a agilidade. Mudara de ambiente, não tinha mais os contatos necessários, não havia mais o seu público: nunca mais seria uma grande pianista.

Por outro lado, a nova vida não lhe trazia encantos: Renata era desajeitada, despreparada para as coisas domésticas. Precisaria na verdade controlar duas casas, pois havia a fazenda aonde iam seguidamente, e onde Martim gostava de receber amigos. Ela não os apreciava, não os compreendia, suas mulheres lhe pareciam rudes e superficiais, e a tratavam com reserva.

Mamãe e Clara tentavam ser suas amigas: mas, embora convivessem bem, Renata também não as compreendia. Como podiam gastar tanto tempo e energia com comida, roupa, empregadas, pequenos interesses de quem se conforma com uma existência mesquinha?

Martim via tudo isso mas não podia ajudar. Renata se transformava: a beleza que viera de dentro apagara-se. Uma mulher cansada, descuidada no vestir, pálpebras murchando.

Quando não havia piano perto, se ela saía com Martim, se recebiam amigos ou ficavam sozinhos em casa, ela se abstraía. Olhos meio fechados, corria os dedos num teclado invisível. Balançava de leve a cabeça ao ritmo interior. Quando havia outras pessoas observavam-na com estranheza, e Martim se envergonhava.

“Estou reduzida ao meu piano de vento”, pensou Renata. Apoiou os cotovelos nos joelhos, crispou-se toda sentindo a lembrança que lhe vinha e não podia escorraçar: tocara de verdade, tocara poderosamente pela última vez, naquela tarde em que o Anjo Rafael...

Tapou o rosto com as mãos, lágrimas corriam entre os dedos e pingavam na saia.

Quis levantar-se, reagir, ver o que fazia Carolina. Mas continuou inerte. Até respirar era difícil.

O que fora sua vida? O que fizera do marido, dos filhos?

A sala, a casa, um tanque de água turva onde giravam criaturas de gosma e sombra. Medo.

Onde ficava a verdadeira Ilha? Onde estavam os mortos, o que era aquilo: a Morte? Ansiava por ela

muitas vezes, como libertação de seus tormentos. Se morresse, todos ficariam mais felizes. Martim, os gêmeos, todos. “De qualquer modo já sou para eles uma presença abstrata, uma sombra melancólica.”

Depois de algum tempo endireitou-se, limpou o rosto com o lenço, contemplou Camilo: a expressão do rosto dele ainda era assombro. Surpresa de quem recebe na boca um beijo de amor, molhado e íntimo: “Então era isso!”, parecia dizer.

A cada momento morria mais: a Amante grudava-se nele, recobria sua pele, devorava seu coração. Ele, mergulhado em águas onde os conceitos dos vivos eram destroços dos quais precisava se libertar.

•

Toda relação humana é sofrimento: não teria adiantado dizerem isso a Renata quando conheceu Martim, e se casara com ele meses depois.

Antes, ela apenas se deixara amar: os outros significavam-lhe tranquilidade para tocar. Amava-os porque cuidavam dela e não a perturbavam demais; amava-os quase tão vagamente quanto amava os rostos das platéias que a admiravam e vibravam com sua emoção.

A arte a fizera egoísta: nem um outro amor vital. Mas não era preciso? Indagava-se muitas vezes: não era preciso ser assim, concentrada naquela paixão, para poder ser uma boa pianista? Não era o preço que se pagava sempre?

Conhecendo Martim, compreendera quanto vivia só.

Não, ela não teria acreditado se nas vésperas do casamento a tivessem querido prevenir: ligações de amor são dilacerantes; são teias que nos enredam e nos podem sufocar. Como uma borboleta abandona o casulo, pensou poder trocar sua identidade pela de mulher de Martim.

A Miguel, amor da juventude, dissera no beijo final: “Não tenho nada para te dar.” Mas havia muito a dar a Martim, um amor tão intenso que fazia parecer fraterna a ternura que sentira pelo outro.

•

Também não adiantara amigos dizerem a Martim:

— É uma boa moça, é até uma grande pianista, mas não serve para você.

— Sim, sim — dizia ele —, é uma mulher diferente, por isso mesmo vou me casar com ela.

A experiência lhe ensinara que a vida será simples se a encararmos assim. Homem prático, fugia das emoções complicadas: eram perigosas.

Fora criado por Mamãe, parenta afastada que viera substituir a mãe dele, morta tão cedo que não a recordava mais. Duas irmãs menores: Clara, irmã de sangue, e Ella, filha de Mamãe, que a trouxera ao

vir tomar conta deles.

Mais tarde o pai de Martim casara-se com essa mulher e morreria pouco depois. Mamãe assumira as rédeas dos negócios e da vida, dava às crianças a segurança de que precisavam. Mamãe era o mundo deles.

Martim cedo atendera aos negócios da família, preferindo as lidas da fazenda à cidade.

Ao encontrar Renata, também ele se sentia só. Queria laços, emoções estáveis. Queria uma mulher que lhe adoçasse a vida e compensasse as durezas do trabalho.

•

Naquela noite Martim nem reconhecia a casa de Mamãe, onde ele fora criança, brincara, correria com Clara e Ella escadas acima e abaixo. Agora ali pairavam o cheiro de velas e flores, as horas arrastadas, e a morte: não a podia aceitar, não a compreendia. Sentia-se criança novamente, no seu desamparo. Limpava com raiva lágrimas que não conseguia controlar. Evitava olhar o morto: era inquietante, imperioso.

Olhando Renata, pensava: “Estamos envelhecendo. O que fizemos da nossa vida?”

Pelos cantos da sala, a noite inteira, o amor, as promessas, as esperanças, os sonhos, as intimidades, rolavam para lá e para cá, conjurando emoções que os dois preferiam negar.

Era a Morte que remexia tudo, levantando as cinzas, o dedo descarnado intrometendo-se, aqui e ali brotava fogo, e sangue vermelho-vivo.

A Morte não pedia licença.

•

Martim conhecera Renata quase por acaso num concerto a que fora levado por amigos. Não era apreciador de artes. No círculo de luz do palco, a pianista lhe lembrara figura de museus, visitados também por conveniência: anjos tocando alaúdes, pensara nisso ao vê-la.

Ficara impressionado: era franzina, mas desencadeava no piano forças que ele desconhecia e o abalavam; a música comovia, fazia querer chorar. Normalmente teria resistido a essas emoções, julgando-as pouco viris; mas na penumbra da sala de concertos entregara-se, num misto de surpresa e delícia.

Pedira para ser apresentado à pianista, que de perto lhe parecera inaparente: não era muito jovem, nem bonita. Tímida; parecia doente. Mas olhando-a não podia esquecer a força que se escondia nela, o poder da emoção.

Pessoalmente, parecia inabordável: não que lhe faltasse simpatia, mas os olhos de cor amarelada

pareciam entretidos em coisas inefáveis que ele não conseguia divisar e o intrigavam.

Renata fora um desafio, e Martim quis também a sua alma. Até a arte dela lhe pertenceria, os amigos o invejariam por aquela mulher tão original.

Logo descobriu nela também um corpo solitário ardendo por amor. Poucos meses depois, casavam.

Mas tudo isso estava perdido naquela noite pegajosa. Martim e Renata olharam-se, furtivos: mudos pedidos de ajuda, de explicação, mudas acusações. Envelhecida, Renata ainda o perturbava. Qual seria o encantamento com que o seduzira há vinte anos, e que ainda brotava dela?

Renata era de outro mundo. Depois da paixão inicial, em que se entregara a ele, sedenta, passara a se encolher: a vida a dois não parecia fazer-lhe bem. Enredava-se em tristezas inexplicáveis, era irritadiça, nervosa. Teria saudades da carreira interrompida no auge? Para Martim, nenhum sucesso poderia ser melhor, mais saudável, do que uma casa, uma família, coisas úteis a fazer. Era disso que uma mulher precisava.

Talvez ela sentisse falta dos amigos, cujas cartas a deixavam abatida horas a fio. E aquela mania de trancar-se na sala e tocar sozinha, com uma paixão que não partilhava com ele: não estaria se apartando do marido cada vez mais?

Pela primeira vez Martim se desorientava diante de uma mulher. Não a conseguia alcançar.

Naquele tempo ainda freqüentavam concertos: ele a observava na penumbra. Sentada na beira da poltrona, parecia retornar a uma dimensão onde conseguia ser ela mesma, e da qual, saindo, voltaria a se fragmentar.

Martim compadecia-se: “Ela sofre, sofre, e não a posso ajudar.”

•

— Acho que nasci sem os instintos naturais das outras mulheres — queixara-se Renata ao médico depois do nascimento dos gêmeos. O sorriso dele, paternal, ao dizer que nem todas as mulheres eram iguais, que isso viria com o tempo, não a tranqüilizou. Mesmo antes de engravidar vinha sentindo: o casamento fora um erro. Por mais que tivesse amado Martim, ansiava dolorosamente pela música: era essa a sua verdadeira vida.

Pensara poder largar a carreira sem dificuldade, na paixão do momento tudo fora natural, apenas um adiamento: depois, quem sabe, voltaria a tocar. Havia piano até na fazenda. O dela, que estava em seu apartamento há muitos anos, seria transferido para a nova moradia... tudo daria certo.

Mas a realidade fora diferente: a saudade da carreira, a incapacidade e o desinteresse pelas coisas domésticas interferiam na relação com Martim, que era exigente, queria uma mulher enérgica e capaz, como fora Mamãe.

“Eu sou uma artista”, pensava indignada, “o que estou fazendo aqui, com essas pessoas, esses problemas, essas ninharias todas?”

Também no amor não conseguia mais agradar.

— É preciso ser como um bicho nessa hora! — reclamava Martim.

— Mas eu não sou um bicho! — respondia, tentando sorrir, humilhada.

Mais tarde, achando que não amava os filhos como devia, Renata convencera-se de que sua vida anterior, toda concentrada na música, a impossibilitara de ser, agora, mais generosa. Ou sofria de alguma deficiência biológica?

Como que protestando pelo afeto sem alegria que os recebera no mundo, Camilo e Carolina, bebês fracos e cheios de problemas, desenvolviam-se mal. Uma decepção para Martim: não eram, de longe, os filhos saudáveis que ele queria.

Durante a penosa gravidez Renata alimentara um único anseio: livrar-se de tudo aquilo. Sabia que era errado, era condenável, mas não podia, como as outras mulheres, esperar com alegria o desenlace: tinha medo.

Depois da cesariana acordara deprimida: e agora, o que fazer? Como cuidar deles, fracos, prematuros? Como fingir felicidade, se tudo o que sentia era aflição e uma vaga ternura compadecida?

Contrataram uma babá, mas isso também a atormentava: seria direito confiar os filhos a uma estranha? Não deveria cumprir todas as coisas para as quais se julgava incapaz? Ficava aliviada cada vez que podia afastar-se deles.

Descontrolava-se com frequência, discutia com Martim, ele também impaciente, entristecido. A voz dela, metálica, desagradável, interpelava-o com aspereza. Sentia-se fraudada: ele a fizera abandonar sua verdadeira vida, seduzira-a com sua força, sua paixão, aproveitara-se da solidão dela, e agora a prendia a uma existência que para ela não tinha encanto algum.

— Você nem ao menos amamenta seus filhos! — acusara-a Martim certa vez, numa discussão exaltada. Era verdade: um ato doloroso e cansativo que parecia desagregá-la ainda mais. Aquelas duas bocas sugavam uma substância irrecuperável, ela não conseguiria se recompor.

O médico falara em depressões comuns em parturientes; embora contrariado, mandara secar-lhe o leite um mês depois.

O casamento fora um erro. Sem forças para mudar outra vez a sua vida, Renata começou lentamente a estagnar, como a doente no quarto fechado, em casa de Mamãe.

O morto jazia entre eles como um anjo exterminador: impondo silêncio, implantando separação, costando derradeiros elos e urdindo outros. Nem sobre o cadáver do filho eles se reencontrariam: a substância do amor, que os poderia ajudar, era insuficiente.

Renata levantou-se esfregando as mãos para as aquecer, ignorou o olhar de Martim e foi postar-se bem junto do caixão. O cheiro de decomposição já se exalava do corpo de Camilo. Por que a morte não era mais limpa, sem cheiros nem agonias, discretamente perfumada como ele sempre fora?

Inclinou-se e disfarçadamente aspirou o odor que se insinuava no das flores, receando que outros o sentissem.

Não persistia ali, apesar dos esforços dela e de Mamãe naquela tarde, algo do cheiro forte de Camilo quando o depositavam no sofá?

Limpou com o lenço a umidade que teimava em embaciar a testa dele. Quem agora o tomava nos braços, quem o saberia amar? Ele nunca amara uma mulher, não que Renata soubesse. Nenhuma namorada, nenhuma amiga mais íntima. Só Carolina, sempre ela.

Ainda abaixada, contemplando-o melhor, recolheu a mão, tapou a boca contendo uma exclamação: o rosto do morto estava mudando.

O ar de assombro inicial iluminava-se num sorriso. Camilo quase sorria nas ruguinhas dos olhos, nos

cantos da boca. Não o ar de ironia ou superioridade com que às vezes os mortos se despedem, mas um tímido, encantador sorriso infantil.

Seria efeito da luz das velas, do seu próprio cansaço? Não, estava ali: o morto se transfigurava no moinho das horas. Tão fino o rosto, estreitas as mãos, todo ele pura ausência, pedra. Distanciado das coisas banais, sempre fora assim: Camilo estudava, comia, andava, falava, mas não era como as outras pessoas; ele e Carolina pareciam visitantes, apenas esperando o momento de retornar. Para onde?

Ela não sabia. O sorriso do morto queria dizer alguma coisa. Mas não diria onde estava, isso não poderia dizer. O recado, qual o seu recado?

“Talvez seja alívio, talvez libertação”, pensou a mãe.

“Encontrou o que procurava tão desesperadamente nessa ligação com Carolina. Quis uma explicação, e tudo o que via era apenas seu rosto repetido no da irmã. Agora, está do outro lado.”

Ele enveredava pela morte como quem enfim achou o caminho.

Renata olhou brevemente o quadro do patamar: amava-o ainda mais, parte de sua vida já estava lá.

Camilo estreava no palco de sua morte, à luz fraca das velas, com o sorriso de quem ainda não domina o seu papel, mas vai tentar.



Martim esmagou o cigarro no cinzeiro até os farelos de fumo se espalharem no bojo de metal. Queria ordenar à Morte que recuasse; ou mandar que apressassem aquele ritual penoso e demorado, fora do seu controle. Na verdade a morte do filho naquelas circunstâncias o envergonhava como mais um fracasso pessoal.

Martim não era ninguém naquela noite. Conflitos sentimentais sempre o deixavam constrangido, mas a morte era pior, diante dela nem sabia como se portar. Pessoas abraçavam-no murmurando as mesmas coisas: “Tão jovem... que tragédia...” Fingiam não saber que Camilo se matara. Certamente, às costas de Martim, diriam:

— Matou-se por causa do pai...

Martim forçou-se a não pensar nisso. Procurou lembrar coisas que o animavam: a vida no campo, os amigos, o trabalho. Não se permitiu pensar em mulheres naquela hora, mas tivera muitas, especialmente depois da separação. Nos últimos anos, porém, cada novo caso o deixava mais vazio interiormente; sentia-se ridículo, velho.

Esticou as pernas, mesmo sentado pôs as mãos nos bolsos.

Ainda não conseguia acreditar: o filho estava morto. Nem ao menos tivera ocasião de conhecê-lo direito. O menino fraco, o adolescente que lhe parecia efeminado, provocava-lhe impaciência, raiva, medo. O tempo perdera-se numa relação conturbada, não havia como o recuperar.

Martim fechou os olhos com força, pigarreou, cerrou os punhos dentro dos bolsos: Camilo fora,

afinal, o mais forte. Não cedera e conquistara um espaço no qual ninguém mais o poderia importunar. Estava livre.

Renata: o que estaria sentindo? Amor materno que com tanto atraso lhe rasgava as entranhas? Remorso? E em relação a ele? Naquela noite de defrontamentos, o que pensaria do ex-marido? Lamentaria o fracasso? Sentiria, como ele, que tudo fora uma fraude, ou lembrava de alguma claridade? Momentos de amor não cabiam na presença solene da Morte.

Devia era ter fugido dela: Renata transmitira aos filhos muito de sua inadaptação, vinham da alma dela aqueles dois espectros.

Mesmo naquela noite trágica ela não reagia como uma mulher normal. Nem chorava muito, o tempo todo olhando o maldito quadro que ele devia ter mandado tirar dali. Ou, pior, ele sabia: em pensamento Renata tocava seu piano de lembranças, mania irritante que o desconcertava tanto.

Martim levantou-se, andou até o fundo da sala, caminhou de um lado para outro pisando forte, sem ligar para os rostos que se viravam para ele: profanava o silêncio exigido pela hora.

Caminhando sentia-se vivo; recostou-se na parede, de onde podia ver a mulher.

Renata nunca fora bonita, agora estava feia. O perfil que antigamente ele considerava delicado não passava de um nariz longo e um queixo fugidio; o cabelo crespo, severamente preso atrás. Mesmo assim, uma força nela ainda o perturbava. Martim lutava com a emoção: era possível sentir ao mesmo tempo raiva e amor?

Uma vez confessara a amigos que se casara com um *iceberg*: cintilações na superfície, mas a verdade profunda mergulhava num mar verde-escuro e gelado.

Muitas vezes, recém-casados, ele a ouvira sair da cama tarde da noite, fechar-se na sala e tocar piano. Havia nesse ato um desespero que não parecia normal. Ele ficava à escuta, querendo entender e perdoar, e recuperar a mulher com quem imaginara estar casando. Lágrimas de solidão e impotência lhe corriam pelo rosto nessas horas. Fora traído. Traído e humilhado, porque suspeitava até de que na hora do amor, passiva e tensa, ela movesse os dedos, mãos largadas nos lençóis ao lado do corpo, dedilhando o seu piano de fantasia.

Martim recomeçou a andar. As tábuas rangiam, estava gordo e cansado. Esgotara-se administrando e multiplicando seus bens para nada.

Um choro sentido subiu pela garganta de Martim, os olhos molhados. Teve vontade de sair, afogar-se no nevoeiro, desaparecer.

Mas voltou à sua cadeira e recomeçou a vigília. O esforço de controlar-se fazia tremerem-lhe as mãos. Ou era talvez porque se dominava para não as estender e acariciar os ombros descaídos da mulher que ainda amava?

Mal ele se sentara, o zumbido da campainha lhe causou um sobressalto do qual se envergonhou. Já não estavam todos na casa habituados àqueles chamados que pareciam vir de uma alma atormentada?

Um pedido de socorro: mesmo assim, ninguém senão Mamãe atendia; ninguém pestanejava; todos continuavam no que estivessem fazendo: Clara tirando a poeira dos velhos móveis; os gêmeos com algum livro que liam juntos; Renata absorta, ou tocando em surdina na saleta de música. Era como se a doente não existisse, ou todos fossem surdos, cegos.

Mas naquela noite Martim tremeu ao zumbido do inseto gigante cujas instalações permeavam a casa toda. Teve pena de Mamãe. Imaginou-a saindo da cama, trôpega, ajeitando na cabeça uma peruca sem a qual há muitos anos não a viam, e seguindo pelo corredor.

Cumpria tudo sem lamentações, mantinha o bom humor e a vitalidade mesmo depois de velha.

Martim sorriu pensando nela: a peruca loura, a pintura exagerada, os vestidos fora de propósito.

Acompanhou-a na imaginação até a porta do quarto. Acendeu o cigarro, tirou uma baforada. Tragou fundo. Não queria pensar, enxotou para um canto da consciência a criatura que sofria um desumano destino atrás da porta cuja chave agora Mamãe estaria girando.

Forcejou para manter afastada outra imagem, mas ela se sobrepunha a tudo: uma moça de cabelos pretos e boca sensual, uma linda boca. Uma linda mulher cheia de vida e seiva, a quem amara e que o amara também, no esplendor da juventude.

Ella: quem teria escolhido para a menina sem pai o nome ambíguo, profético, de meia humanidade, meia ausência?

O amor se frustrara porque, para Mamãe, para parentes e amigos, os dois eram irmãos; criados juntos desde tão pequenos, era como se tivessem nascido do mesmo ventre. Desde que lembravam fora assim. Eram irmãos.

Quando na adolescência ardores mais intensos os haviam lançado um para o outro, a severa proibição de Mamãe, ao descobrir, os fizera duvidar: era realmente permitido, era normal, aquele amor? Incesto: a palavra pesava, doía. Não queriam magoar Mamãe, isto é, Martim não queria: sentia-se seu devedor.

A situação arrastara-se por dois, três anos: separações, tentativas de esquecer, reencontros tumultuados e ardentes em solitários cantos da fazenda ou nalgum quarto da casa de Mamãe. Tudo a um tempo, tormento e exaltação.

Por fim Mamãe os surpreendera mais uma vez, e a discussão fora séria. Martim teve de passar um mês sem ir à fazenda, para onde ela e a filha se transferiam nas férias; seria o tempo de concluir arranjos necessários e mandar Ella à casa de parentes distantes.

Mas haviam-se telefonado. Ella em prantos, Martim desnortado. Por fim combinaram um encontro secreto no pomar atrás da casa, onde a moça costumava apanhar frutas. Martim viria da cidade, ia levá-la consigo.

Ella esperara, sentada na cerca. Talvez, acossada pelo amor, tivesse chegado cedo demais; talvez Martim se houvesse atrasado. De qualquer modo o destino chegara em tempo: derrubara a moça da cerca,

uma queda pequena mas fatal. Martim só voltara a vê-la dias depois, paralisada numa cama, mal o reconhecendo: Ella iniciara uma viagem sem retorno para longe dele, que só a podia contemplar do lado de cá.

Com a idade e a longa enfermidade da filha, Mamãe tornara-se um símbolo de dedicação. Todos a chamavam de Mamãe, mesmo amigos, criados, netos. Não importava que a mulher decidida, animada, se transformasse numa velhinha patética. Era um ponto de referência para todos: “se um dia eu precisar, Mamãe estará sempre ali.”

•

Até se casar Renata pouco soubera de sua nova família: Martim falava muito em Mamãe, e só algum tempo depois Renata viu que nem era mãe dele de verdade, substituíra a que morrera quando ele ainda era pequeno. Havia Clara, a irmã mais moça: bonita, solteira, cabelo branco em torno do rosto liso, um pouco fraca dos nervos por algum desgosto de amor na juventude.

Só depois Renata descobrira uma terceira, a irmã de criação, Ella, a doente.

Havia sombras nos olhos de Martim ao falar nela; o nome dúbio, as reticências despertaram curiosidade.

— E essa sua irmã, não sai do quarto nunca?

Martim respondera como quem encerra o assunto: no começo a levavam para tomar sol, mas com o tempo engordara desmesuradamente, era difícil de transportar. Além do mais, não tinha muita consciência das coisas. Era duro para Mamãe, por isso em casa não se comentava o assunto, para não a afligir ainda mais.

Martim dissera algumas vezes, rindo, que Mamãe era “uma velhinha maluca”, mas todo mundo a adorava.

Contudo, Renata não tinha imaginado a figura que a esperava na porta da casa: uma velha baixa, gorda, peruca de alegres cachos louros. Cílios postiços, boca pintada, rosto empoado e murcho. Um vestido amarelo, grande demais.

A personagem a chamara com voz singularmente bonita:

— Então, não vem abraçar a sua velha Mamãe?

Renata ficara conquistada.

Clara, a cunhada, intimidara-a um pouco: alta, quase imponente, belo rosto, maquilagem carregada. Rosto de boneca com cabelos brancos. Renata pensou que ela estivesse saindo para uma festa, com aquela roupa elegante. Depois veria que era sempre assim: Clara passava dias recolhida ao quarto, mas de repente animava-se, gastava horas num ritual de preparativos, embelezando-se, e descia. Via televisão; folheava revistas; conversava um pouco, e subia ao quarto, onde retirava maquilagem e roupas: não houvera encontro algum.

Martim dizia que os nervos dela estavam abalados. Talvez houvesse, naquele olhar escuro, uma fixidez excessiva; talvez a voz fosse opaca demais. Cordial mas reservada: alguma coisa a recobria, um verniz, impedindo-a de vibrar.

Aparentemente não se ocupava com nada. Tinha fases de compras, quando saía diariamente trazendo roupas e enfeites que mostrava com alegria de criança; às vezes lidava na cozinha.

Depois, novamente períodos sombrios. Poucas amigas; eventualmente algum amigo de Martim a convidava para sair, e ela às vezes aceitava.

Havia estranhas coisas naquela casa, coisas não ditas brotavam como cogumelos pelos cantos.

•

Martim prevenira: não procurasse saber, não atormentasse Clara, nem Mamãe, querendo ver a doente. Melhor esquecer. Renata não conseguia. Nem retratos de Ella pela casa, nenhuma lembrança de quando fora saudável, nada. Uma ausência viva.

Mas Renata decidira que, tendo oportunidade, ia pedir para conhecer aquele quarto.

Ficou mais curiosa ainda ao descobrir que Martim o visitava, quase regularmente, ao menos uma vez por semana.

Um dia o interrogara:

— O que você fica fazendo lá?

— Falo com Ella.

— Mas você não disse que ela não tem consciência das coisas?

— Eu lhe faço um pouco de companhia. Nunca se pode saber.

Renata não podia imaginar o que Martim falava com a que não existia mais. Era como falar diante de uma sepultura. Ele sentava-se na cadeira junto da janela, longe da cama que ficava no meio do quarto, uma cama de hospital com manivelas.

Tentava não olhar o que restava sob os cobertores, nem sentir aquele odor. E falava: às vezes, apenas algumas frases. Outras vezes, longos monólogos em que a verdadeira ouvinte era a que já morrera mas ainda vivia. Não naquele corpo informe: no coração de Martim.

Ele contava dos negócios, dos amigos, do sucesso. Não falava em Renata nos primeiros tempos, mas quando tudo começara a se deteriorar, abrira-se com a amada que, bela e sensual, se preservava em sua memória. Ella, antiga e perfeita, esperava ainda por ele para viverem um ardente amor. Então Martim falava do fracasso e da solidão em sua vida com Renata, dos estranhos filhos, das decepções. Era como se Ella o pudesse ouvir, apertar no seio quente o rosto dele e o consolar.

Sim, ela persistia, encerrada naquela que lutava por respirar, olhos pretos de botão presos no teto, alucinados por um sofrimento insuportável.

Tomara que não tenha mesmo consciência de nada, implorava Martim em segredo: seria terrível

demais para ela pensar.

O que pensaria Ella? O que se passava no seu coração que, para espanto dos médicos, se recusava a parar?

Martim falava e falava: sentia que cumpria assim um doloroso pacto com um doloroso amor.

•

Mamãe acolhera Renata calidamente: seu peito era um aposento arejado onde caberiam Renata e seus dilemas, os futuros filhos. As dores e medos de todo o mundo pareciam caber folgadamente nele.

Mamãe andara preocupada porque Martim demorava em casar. Receava que obedecesse a alguma absurda fidelidade ao seu amor perdido, e não se julgasse livre.

Martim e Ella, criados como irmãos, tinham insistido naquele amor proibido.

Mamãe fora terminante, e não se deixara demover. Culpava-se um pouco porque lhes permitira liberdades demasiadas, afinal considerava-os irmãos. Mas corrigira isso: era uma mulher forte, que assumira a família e as propriedades, e dirigia tudo com grande animação.

Depois que Ella sofrera o acidente e fora se encerrando cada vez mais naquela condição desumana, muitas vezes Mamãe duvidava: teria agido certo? O destino porém decidira por ela. Aliviara-a, recolhendo Ella àquela ilha. Por outro lado, amarrara Mamãe com insidiosos fios: a doente insistia na presença dela. Só a ela aceitava bem, só por ela se deixava alimentar, lavar, cuidar. Quando ainda estava mais consciente, recusava-se a receber outras visitas que não Mamãe e Martim. Clara pouco a procurava, fazia-lhe mal entrar ali.

Mas depois, quando mergulhara naquele pântano e já não falava, a doente continuava reagindo a qualquer presença estranha como se farejasse, como se notasse com a pele, o ouvido. Queria só a mãe. Grudava-se nela como um polvo. Cobrava o amor e a compreensão dados escassamente quando tivera saúde e beleza.

Talvez com remorsos pela antiga proibição contra a qual Martim reagira violentamente, Mamãe desejara muito que ele se casasse. Vendo Renata, ficara frustrada: não era mulher para ele. Aquele passarinho distraído podia até ser uma grande pianista, mas não acompanharia o ritmo de Martim.

Porém estavam apaixonados; e era melhor do que Martim continuar ligado ao fantasma de quem já não existia mais.

Renata fora inserida na família, e sem nada dizer aceitara o pacto de não comentar sobre Ella, de não interrogar, de responder como os demais da casa, se alguém estranho perguntava pela doente:

— Está como sempre.

•

Também Renata se assustara com a campainha: também imaginara Mamãe correndo para atender, como sempre fazia, sem nunca se queixar. Mamãe, que não era mãe de ninguém, porque a criatura do quarto há muito rompera todos os laços. Ser mãe de Ella era ser mãe de nada.

“Eu nunca amei alguém como Mamãe ama essa filha”, pensou Renata ajeitando-se melhor na cadeira. Contemplava sua Ilha para esquecer o que Mamãe estaria enfrentando lá em cima. Preferia penetrar pelo quadro majestoso e soturno. O barqueiro envolto num pano branco, em pé na proa, levava Camilo para lugar nenhum.

Mas a lembrança de Ella insistia: aquela rocha, redonda e clara, parecia a bochecha flácida com que tinham ensinado a doente a premir o botão de uma campainha presa ao travesseiro por esparadrapos. Como um pobre cão ensinado, Ella virava a cabeça e chamava... navio dentro da noite, emitindo sinais. Queria realmente apenas que a aliviassem de fome, sujeira, frio? Ou, lúcida, tentava sair de si mesma, do corpo a que estava amarrada há tantos anos? Dentro da prisão haveria ainda um pensamento humano, uma alma humana pulsando, querendo a salvação do amor?

Terrível, se ela tivesse idéia da própria condição.

Renata fechou novamente os olhos: “Jamais amei alguém como Mamãe ama essa filha”. Mamãe, que nunca amamentara Clara ou Martim, mas fora muito mais mãe deles do que ela, Renata, de seus próprios filhos.

Martim contava que, quando pequenos, ele e a irmã eram os preferidos de Mamãe, que rejeitava a filha verdadeira.

Mas Ella cobrava-se, todos sabiam disso em casa: agora reclamava; dia e noite, pedia, exigia, impunha. Toda a sua grande presença excretava sinais inumanos. “Me amem, me atendam, me olhem, me queiram bem!” E enquanto os demais fingiam não ter escutado, Mamãe largava o que estivesse fazendo e subia as escadas, e todos comentavam: “Mamãe é de uma grandeza comovente.”

•

Quase meia-noite.

A porta da rua fora fechada para o nevoeiro não entrar. Só com o amanhecer viriam novos visitantes, enchendo a casa com seu medo e sua fascinação: e o morto, como estava o morto?

Mamãe e Clara dormiam, a doente não chamara mais. Também Carolina devia estar descansando, seria melhor que dormisse até de manhã sob efeito do calmante. O dia seria pesado para todos.

Renata mirava Camilo: por onde andaria agora? Morto, parecia-lhe um pouco menos misterioso agora que a Esfinge engolira todos os enigmas.

Camilo erguia o perfil amarelo como se procurasse *dentro de si*.

“Por que suspeitei tanto deles?” pensou ela com remorso. Sempre suspeitara dos filhos, que absurdo.

Imaginara sinistras combinações em seus silêncios, pequenos sinais, sorrisos. Saberiam de segredos inquietantes? O que teria acontecido naquele dia com o Anjo Rafael?

(E as visitas deles ao quarto no fim do corredor?)

Pedira ajuda a Martim algumas vezes, mas este só a censurava quando lhe apresentava problemas dos filhos.

— Você sabia que as crianças têm visitado... o quarto? — perguntara certa manhã, depois de lutar alguns dias com a dúvida: contar a Martim ou esconder?

Ele baixara a xícara, contrariado:

— Como é que você sabe?

— A empregada nova de Mamãe contou.

— A empregada nova de Mamãe espiona nossos filhos?

— Mas as crianças...

— Não são tão crianças assim. Isso é mania sua. Aliás, quase dez anos, e dormem no mesmo quarto!

Se foram visitar Ella, deve ser curiosidade natural. E se entrarem lá não vão querer voltar... — acrescentara depressa.

Renata desistira. Receava nova discussão, naquele tempo praticamente todos os seus diálogos acabavam em briga.

Talvez realmente a empregada tivesse exagerado, era nova na casa e tivera a imaginação excitada pelo quarto cerrado, a doente misteriosa.

— Você tem certeza? — perguntara Renata.

— Tenho, sim senhora, fui ver porque sabia que não se entra lá...

— E o que você viu lá dentro?

A moça, aflita, torcia o avental na mão:

— Eles... eles judiam dela, dona.

— Mas como, judiam? Não faz sentido!

— Picam ela com uma tesourinha... dizem nomes feios...

Renata sentira um calafrio tão forte que seus dentes tinham batido, os pelinhos dos braços arrepiados. Pedira à moça que não comentasse com ninguém, e pouco depois conseguira que Mamãe a despedisse.

Por muitos dias lutara entre o desejo de interrogar os filhos e o medo da sua reação: que brilho malicioso teriam seus olhos amarelos?

Seria um conforto esquecer: ou fingir esquecer. Mas ela não esquecera. Olhando os filhos gêmeos, imaginava: “Que será que fazem lá? O que, na alma deles, os impele para esse quarto? Como conseguem entrar, se Mamãe tem a chave?”

Com horror lembrava sua única visita a Ella, nos primeiros meses de casada. Apesar dos pedidos de Martim, de que ignorasse a doente, um dia falara com Mamãe:

— Posso ir com a senhora ao quarto dela?

A outra a olhara, surpresa, mas balançara a cabeça afirmativamente.

Renata entrara no quarto tonta com o cheiro, espantada com a penumbra. Odores como os da fazenda, aos quais naquele tempo ainda procurava se acostumar. Urina, fezes, desinfetantes. E outro odor ainda que só mais tarde conseguiria identificar: a emanção de um sofrimento excessivo.

Esperava encontrar uma mulher enobrecida pela enfermidade, mas não era humana a criatura deitada sobre a cama.

Um ser imenso, gordíssimo, grande cabeça de ralos cabelos pretos, olhos fixos no teto. Como é que Mamãe, começando a envelhecer, cuidava, em geral sozinha, daquele corpo enorme?

Renata encostara-se na parede, imaginando depressa alguma coisa para dizer, mas não tinha voz.

Mamãe mexia nas manivelas da cama, passava a mão na cabeça da filha e falava sem parar, uma de suas manias. Quando angustiada desfiava frases banais, sem muito nexo: distraía o coração.

— Era uma filha boazinha — dizia, ocupada com gavetas e panos. — Nunca me deu trabalho. Nem namorado teve, imagine, e olhe que era uma moça e tanto. Brincava com Martim, cuidava de Clara, como se fossem irmãos de verdade. E quando tinha quase vinte anos, caiu de uma cerca lá na fazenda, uma coisa tão boba. Caiu de mau jeito, quebrou a espinha. Machucou a cabeça também, porque depois de algum tempo notei que não estava regulando bem, quase não falava. Agora, acho que nem sabe o que está acontecendo.

Mamãe abrira uma garrafa de álcool, o cheiro forte superando por alguns momentos o odor de Ella. Renata tivera vontade de dizer: “Ainda bem que ela não sabe de nada.”

Desgrudara-se então da parede, aproximara-se um pouco da cama: devia oferecer-se para ajudar? A enferma agora balançava a cabeça de um lado para outro, olhos pasmados. Renata vira a campainha presa no travesseiro: o instrumento de tortura de Mamãe.

Ella soltara um bufido forte. Mamãe afastara os lençóis. Renata recuara dois passos, não queria ver, mas olhara de longe. Mamãe, debruçada sobre a cama, ajeitara num gesto impaciente a peruca torta, e dissera com voz normal:

— As regras dela vieram outra vez.

O pavor expulsara Renata da Caverna.

Segunda parte | *As águas*

*“Viver é o sonho de um sonho.
Estar acordado é noutra parte.”*

(Rilke)

As horas infinitas de um velório à noite.

Pensando em Ella, Renata lembrou o cheiro do filho quando o recebera morto naquela tarde. Camilo, sempre tão asseado, cuidados quase femininos consigo mesmo, usando a água-de-colônia da irmã, horror a tudo que fosse vulgar. Detestara até os cheiros da fazenda, reclamava o tempo todo quando estavam lá. Agora grudavam nele, debaixo das flores do caixão, fazendo Renata pensar no corpo do marido quando, a convivência já difícil, ele ainda se deitava com ela. A intimidade, um tormento.

No começo amara Martim de maneira quase desbragada, envergonhava-se um pouco disso; aos poucos, vendo que a distância interior era irreparável, e sentindo-se culpada, começara a mudar. Odiava-se quando tinha prazer com ele; queria punir-se pelas alegrias do corpo que desejava o dele com tamanho ardor enquanto a alma sofria.

Ficava amarga: magoava Martim, consciente disso, atormentava-o, discutia. Nas reconciliações, cada vez mais raras, ele a tomava nos braços, deixava que chorasse sobre o peito dele, amparava-a sem a compreender, agoniado:

— O que há com você? O que lhe falta?

Ela não podia responder, porque também já não via saída alguma: não poderia retornar à vida antiga. A carreira interrompida, a demorada ausência dos palcos, a falta de exercício, a sensação de impotência

tornavam impossível a volta.

Feriam-se, afastavam-se, e não o podiam evitar.

Brigavam mesmo diante dos filhos. Camilo e Carolina assistiam às discussões, mudos e graves abraçados num canto, como para se proteger.

•

“Nossa vida foi pura destruição”, pensava Martim, rosto baixado na sombra. A relação se esboroando, Renata transformada, problemas com os filhos, ele cada vez entendendo menos, ocupado, agitado, solicitado pelo trabalho. Em casa, uma mulher encolhida e hostil. Sentia compaixão dela, percebia que o casamento fora um erro; na tentativa de transplantar-se para o universo dele, Renata se desorganizara por dentro, o amor dele não a conseguia manter inteira.

— Eu nasci assim — dizia às vezes, agarrada nele.

Nem a maternidade resolvera: ao contrário, desdobrando-se em mais dois, era como se Renata se desagregasse.

Martim comprimiu as têmporas doloridas.

Fechou longo tempo os olhos, e quando os abriu quase deu um grito: Camilo estava parado no patamar. Depois viu que era Carolina, cabelo atado na nuca. Ela deu um passo em frente, cambaleou, segurou-se na moldura do quadro, que ficou torto.

Martim soergueu-se na cadeira, quis correr até lá, ajudar, mas parou e sentou-se novamente. Nunca fora expansivo com os filhos, agora não tinha jeito. Além do mais, temia que Carolina fizesse uma cena, seria constrangedor. E assustador: o coração estava prestes a explodir, o coração dele, que se julgava tão forte. Toda a casa era uma bolha de sabão tensa ao máximo, girando tão depressa que parecia imóvel: ao mais leve toque, tudo se desmancharia.

Martim olhou rapidamente para Renata, o mudo rosto amarelo e fino como o de uma morta, olhos grandes, boca aberta.

Carolina recuperou o equilíbrio sozinha. Desceu os degraus sem olhar para ninguém. Parou diante do irmão.

— Onde você está? — chamou alto, voz rascante, voz de velha. — O que é isso, mas o que é isso?

Sua respiração era o arquejo de Ella enrolando-se e desenrolando-se na solidão do quarto.

Ninguém se movia. Os visitantes sonolentos olhavam, novamente interessados. Um deles se levantou para ver melhor.

Renata sentiu que precisava fazer alguma coisa, falar com a filha, tirá-la dali. Mas a fadiga e a dor a envolviam como panos molhados. Faltava entre ela e Carolina a solidez do amor ou do convívio que justificassem alguma palavra ou ação.

“Também dela nunca fui mãe”, pensou olhando os ombros estreitos da filha, a cara devastada.

Condoeu-se: o que faria agora, sem a sua outra parte, a parte mais forte, mais decidida? Camilo sempre tivera o comando nas mãos, Carolina só o seguia com aquele olhar de veneração.

De repente, a moça escorregou de manso, batendo na estrutura de metal, e o caixão balançou perigosamente. Martim levantou-se com uma exclamação abafada, mas o caixão e seu passageiro aquietaram-se outra vez. Enrodilhada no chão, praticamente embaixo de Camilo, Carolina era um animal enroscando-se para morrer.

Martim abaixou-se, estendeu a mão para ela, mas divisou, entre os cabelos que lhe tapavam parcialmente o rosto, olhos faiscantes e ferozes. Encolheu a mão depressa e ouviu o som que vinha dela, um rosnado feio. “Ela vai me morder”, pensou assustado. O rosnado fez a pele de Renata arrepiar-se, o coração bater, trancado na garganta.

Forçou-se a intervir, voz embargada:

— Filha... não faça assim...

Mas também teve receio de tocar nela. Carolina era inatingível em sua dor: deitada com o ouvido encostado no chão, parecia escutar passos de dança, graves, lentos, com que, enlaçado à sua Morte, Camilo girava cada vez mais longe deles.

•

Talvez Mamãe estivesse à espera, à escuta, como sempre: o coração alerta adivinhando os toques da campainha para atender sem raiva.

Vinha descendo a escada, o velho robe por cima da camisola. Pusera a peruca e, embora devesse ter dormido, ainda não tirara os cílios postiços.

Chegou no seu passo bamboleante, ventre descaído. Inclinou-se para a neta que não era do seu sangue, e falou baixinho com ela. Depois tocou em seu ombro.

Carolina desenroscou-se lentamente. Levantou-se, parou junto de Camilo, debruçada sobre ele entregou-se a uma longa contemplação. Não dizia nada, abraçada a si mesma como para se sustentar. Todos na sala calados, olhando para ela. Também Renata e Martim.

Ainda sem encarar ninguém, como se nada existisse senão ela própria e o morto, Carolina saiu da sala amparada na velha.

Uma dignidade sem par emanava delas: Mamãe conduzia outra condenada que já começara a morrer. Sobrevivente, ela se contagiaria aos poucos daquela morte. Os membros, o corpo, a alma de Carolina morreriam devagar, e não havia nada a fazer.

As duas subiram juntas os degraus; não pararam no patamar onde a Ilha pendia oblíqua.

Uma velha gorda e bizarra, uma adolescente magra, de ar doente. Nos calcanhares delas o bafo da repugnante goela que acoitava atrás e aguardava no fim do caminho.

“Todos iremos para lá um dia”, sentiam. Todos. E entregavam-se, cada um, a seu destino, sabendo

que no extremo, onde já estava Mamãe, e no começo, onde pairava Carolina, havia a mesma mola movendo-se sem parar, inchando e desinchando, subindo e descendo, e por cima de tudo as águas de mil naufrágios.

Talvez por causa da loura peruca de Mamãe sumindo na escada, Renata teve uma visão do Anjo Rafael, e escondeu o rosto nas mãos. Não queria, não queria. Nem sabia por qual dos filhos choraria agora.

•

Falava-se quase tão pouco no Anjo Rafael quanto em Ella na casa de Mamãe. E como, de onde estava, ele não pudesse tocar nenhuma campainha, mandar nenhum sinal, sua existência era ainda mais vaga do que a da enferma: mas ambos povoavam o mundo com essa presença filtrada.

Nascera quando Camilo e Carolina tinham quase dez anos. Uma gravidez tardia; seus pais já falando abertamente em separação. Na verdade, Martim quase não ficava em casa, passava muito tempo na fazenda; na cidade, dormia no escritório.

Mas Renata engravidara num dos reencontros breves, intensos, doloridos, que terminavam em discussões e amargura. Pensara em abortar, mas não teve coragem. Acabara tendo uma gravidez mais serena.

Martim a tratava com ternura, ela esforçava-se por corresponder; Mamãe e Clara freneticamente tecendo roupas, arranjando coisas para o bebê. Nascera um menino bonito, parto normal, dores logo esquecidas quando Renata o pegara nos braços.

Os pais o amaram com um amor desmedido, crispado. Amavam nele também a possibilidade de consertarem a vida.

De repente, Renata sentia-se mãe. Era *dela* o filho tardio que despertava em suas entranhas, em seu coração, ondas de ternura.

Martim chegava a cancelar horas de trabalho e idas à fazenda para brincar com ele. Clara e Mamãe disputavam o prazer de o ter ao colo. Só os gêmeos praticamente o ignoravam. Desde o seu nascimento, quando lhes perguntavam pelo irmãozinho, ou se gostavam dele, respondiam, sérios, a uma voz:

— Não sei.

O bebê crescia tranqüilo, sadio, sem os problemas que tinham afligido seus irmãos.

Por ser tão alegre, e louro, todos o chamavam: Anjo Rafael.

•

Renata não queria que essa lembrança se introduzisse naquela noite, lutava contra a memória e a dor. Naqueles seis anos treinara-se nisso com a disciplina com que antigamente treinara dedos, pulsos, corpo e mente para tocar. “Não pense, não lembre, não sinta!” ordenava a si mesma.

Mas quando o Anjo Rafael voltava, ela saía e caminhava na noite, na chuva, no frio, sacudida pelo sofrimento, sem poder sequer aliviar-se ao piano, porque nunca mais encostara os dedos num teclado.

“Também ele estará na Ilha?”, perguntara-se olhando o quadro. Difícil imaginá-lo, naquele cenário lúgubre. Para o seu bebê deveria haver algum berçário eterno onde continuasse a florescer. Ou a Ilha o adotara: haveria lugar para as criancinhas mortas, atrás daquelas muralhas.

Dois de seus filhos desaparecidos na sombra, e a nenhum ela amara direito. Camilo fora sempre a distância, o estranhamento, ela própria tão reservada quanto ele. Rafael, o fervor, a tábua de salvação, a vida inesperada, mas onde estava a mãe quando ele...?

Talvez por não o ter visto morto, nem assistido ao seu enterro, era como se o pequeno ainda andasse por ali, num brinquedo de esconde-esconde, um jogo de cabra-cega em que ela tateava, procurando sentir mais uma vez o filho, o seu anjo, e só tocava no vazio.

Camilo evidenciava a morte de maneira incontestável.

Camilo em sua nova realidade: mas *onde era esse lugar?*

“Vou acabar amando a Morte como ele a amava”, pensou Renata. “Vou descobrir que afinal só ela é verdadeira, só ela existe, sempre à espera: nós somos apenas sopro que vai desembocar no ventre dela: única realidade.”

O telefonema de Clara avisando-a de que Camilo caíra de um cavalo na fazenda, estava ferido e chegaria dentro de uma hora na casa de Mamãe, arrancara Renata do seu torpor habitual, sumida no sofá sem nada fazer. A voz da cunhada, sempre impessoal, agora era estridente, falava alto e depressa demais.

Renata não podia acreditar: nem ao menos sabia que o filho estava na fazenda, o que faria no lugar detestado? Há dois dias os gêmeos estavam em casa de Mamãe, o que era comum.

— Mas ele nem sabe montar! — protestara debilmente, como se isso mudasse alguma coisa. Clara já tinha desligado. Renata chamara um táxi, encontrara Clara esperando na porta da casa, aparentemente calma, o rosto de boneca maquilado. “Ela nunca se descompõe?”, pensara Renata, entrando, preocupada com a filha. Achava ainda que o acidente com Camilo devia ter sido leve, mas Carolina, tão nervosa, apegada ao irmão...

— Avisaram a menina? — indagou.

— Mamãe subiu, mas acho que não vai dizer nada por enquanto.

Mamãe descera logo depois, contando que encontrara Carolina sentada na cama, sonolenta. Teria ouvido algum movimento lá embaixo? A moça a fitara vagamente, dizendo:

— Eu me sinto tão esquisita, Mamãe...

— Esquisita como?

— Parece que vou morrer.

A velha a tranqüilizara, fizera-a deitar, quem sabe dormiria um pouco?

— Ela parece ter desconfiado de alguma coisa — dissera Mamãe, lembrando mais do que nunca uma velha bruxa de pano, com o cabelo amarelo e um vestido vermelho, largo.

O coração de Renata se apertara:

— É sempre a mesma coisa. Um se machuca, o outro sangra...

E as três tinham tido o mesmo pensamento:

“O que será de Carolina se Camilo faltar?”

Quando o trouxeram afinal, dois homens carregando-o nos braços, ele acabava de morrer. Colocaram-no no sofá da sala, Renata tentava amparar-lhe a cabeça. Os olhos estavam entreabertos, mas nada mais havia atrás das frestas. Baços como olhos de animais abatidos na fazenda, que a atormentavam tanto:

— Todas essas mortes — dizia sempre, e Martim ria sem compreender.

— Meu Deus, meu Deus — gemera alto —, meu Deus, o que foi, meu filho, o que foi? — De súbito a torrente do amor se desatava nela, um amor desesperado, animal, sem esperança alguma. E beijara o rosto dele, sujando-se naquele sangue.

Chamara-o muito: — Meu filho, meu filho... — mas ele não responderia mais.

Depois a dor se anestesiara, ela chegara ao limite das forças, e lá ficara, pairando, tonta. Não podia doer mais do que aquilo, não podia.

Então, quando ainda procuravam ajeitar o morto no sofá, a agitação se espalhara pela casa em ondas. Uma empregada viera correndo com uma bacia e panos. Tinham ouvido Carolina chorar lá em cima, um uivo fininho que se transformara em grito. Alguém dissera:

— Ela precisa de um calmante.

O grito ficara coagulado no ar depois que ela se calara, como se a voz levasse tempo para se diluir, densa de sofrimento.

Mamãe ficara andando por ali, falando sem parar, depois de deixar Carolina sob efeito da injeção lá em cima. Martim... e Martim? Estava viajando, levaria mais duas horas para chegar. Também se preocupava com Clara, aqueles nervos fracos, o choque lhe faria mal...

Clara fugira para o fundo da sala, sentada no sofá, absorta em não fazer nada.

Depois, mãos tremendo tanto que quase não conseguiam agir, Mamãe e Renata tinham tirado a roupa de Camilo, tentando lavá-lo.

Quando Martim chegara, Camilo já estava embarcado no seu caixão; círios acesos, primeiros amigos aparecendo, noite começando a baixar. A notícia da trágica morte espalhara-se depressa, as pessoas chegavam hesitantes. Entravam na casa como quem fareja a morte — “a Morte, onde está, que um dia também vai me levar?”

Martim entrara correndo, parara abruptamente no meio da sala, exclamara alto duas, três vezes:

— Mas como foi acontecer isso, como foi acontecer isso?

Depois acrescentara, e Renata sentiu que ele estava a um tempo abalado e furioso:

— Como você foi fazer isso comigo, meu filho!?

Abraçara desajeitadamente Renata, com um soluço seco; agarrara-se longamente em Clara e Mamãe. Os três tinham chorado juntos e falado ao mesmo tempo, querendo saber, querendo explicar. Renata parada a um lado, sozinha. Por fim haviam-se aquietado, ao mesmo tempo também.

Depois Martim andara pela sala suspirando, soluços sem lágrimas, gemidos. Era um homem habituado a dar ordens: no território da Morte era impotente, tão pobre e desamparado quanto qualquer um. Fechava os punhos como se quisesse lutar com Aquela que, mais poderosa, lhe roubara um filho antes que ele o pudesse compreender.

Renata e Martim haviam-se sentado automaticamente dos lados do caixão. Aos poucos seus olhares atarantados se firmavam. O dele, inquieto, sombrio; o dela, magoado e indeciso.

Entre os pais, Camilo expunha à luz o rosto surpreso: era assombro a sua expressão desde o momento da morte. Escondia-se atrás dessa máscara para morrer melhor, imperturbado, e aprender o papel a representar em sua nova existência.

O velório era o espetáculo inaugural.



Também para Renata o encontro com Martim, naquela circunstância reabria feridas. Nada cicatrizara direito, a cada movimento a fenda inflamada rasgava-se de novo. Uma vez ela subiu para ver a filha; caminhava devagar segurando-se no corrimão da escada como se fosse velha ou muito doente. Mas no quarto dos gêmeos Carolina parecia dormir, e Renata não a perturbou.

Voltara para a sala, reassumira seu posto: marido e mulher separados pelo filho morto como por um rio de treva. De vez em quando erguiam-se para receber um abraço consternado. Choro, lenços, olhos assustados. O tempo todo Renata pensava nos filhos, mas pensava mais em Camilo: não deveria ter exigido que se separassem, que preservassem suas identidades, que ao menos dormissem separados? Não devia ter concordado com Martim? Ou deveria ter tentado aproximar-se mais deles, entendê-los melhor, dar-lhes um afeto mais cálido, cultivar uma alegria que não havia nela?

Difícil: ninguém vence a própria natureza, ela bem que se esforçara. A cada conflito, acabava achando que Martim exagerava. Eram apenas crianças inocentes, dizia a si mesma para se tranqüilizar. Mas no fundo sentia: havia algo entre os gêmeos, zonas de segredo entre os dois.

Renata sabia tão pouco sobre os próprios filhos. Tinham sido criados por babás, por Mamãe e Clara. Por ninguém, na verdade: duas plantinhas fracas que alguém amarra uma na outra para que cresçam juntas, amparando-se.

Algumas vezes Renata sentia-se mais próxima de Camilo, quando ele era pequeno. Lembrava-se de que gostava de ouvi-la tocar. Não era incomum ver seus olhos brilhantes de lágrimas, escutando-a num

canto, quietinho, e ela se comovia; mas logo se esquecia dele, enredada nos próprios problemas.

Uma vez, só uma vez, ele lhe perguntara, depois que ela parara de tocar vários meses:

— Você não vai tocar *nunca mais*? — E quando ela dissera que não, Camilo virara o rosto e se afastar. E nunca mais tinha dito nada.

Talvez Clara conhecesse melhor os gêmeos: levava-os para seu quarto, quando pequenos brincava com eles, depois de maiores comentavam livros, revistas. Gostava de fantasiá-los com roupas de antigas festas, carnavais remotos. Maquilava-os com capricho e fazia com que desfilassem para Mamãe na sala: duas sensuais odaliscas, dois melancólicos pierrôs. Renata desviava o olhar.

Clara saberia talvez das incursões ao quarto de Ella, mas Renata não tinha coragem de indagar. A cunhada apenas a olharia sorrindo, que mal tinha isso? Um quarto de doente, apenas. Ella não era um bicho. “*Ou era?*”, diria Clara, com seus olhos bem abertos, de criança ou de louca.



A noite subia, a maré avançava.

Martim se perguntava: “O que arrancou meu filho de mim e fez dele essa coisa esvaziada que não atinjo mais?”

Além de tudo, opróbrio: um suicida está sempre acusando alguém. Martim teria sido um mau pai? Deveria ser mais afetuoso, compreensivo? Sempre fora difícil aproximar-se de Camilo: o menino resistia às tentativas de aproximação.

O que teria sentido nos últimos dias, horas? Era terrível pensar que no derradeiro encontro, do qual Martim nem se lembrava direito, pudesse ter havido nos olhos do rapaz algo que revelasse a sua aflição. E o pai nem soubera ver.

Camilo sempre fora uma criança sozinha, sem amigos, sem entusiasmos, consolando-se com a irmã, numa relação esquisita.

“Matou-se para me censurar”, pensou Martim. “Mas eu fiz o melhor que podia.”

Sim, fizera o melhor: todos faziam o melhor, sempre. Dera à família o que podia, esfalfando-se por ela. Muitas vezes, quando todos descansavam, ele saía depressa, cobria o trajeto até à fazenda, cuidava de tarefas que seriam dos empregados, misturava-se a eles, queria provar que também era capaz. Queria compensar os conflitos interiores com atividades concretas. No escritório da cidade mantinha sua agenda tão ocupada que quase não tinha tempo de pensar.

Mas pensava: a figura de Renata estava ali dia e noite, o amor não correspondido. Ela lhe falara da sua solidão quando se tinham conhecido, e ele se impressionara. Nunca uma mulher lhe revelara sua vida íntima, a mais remota, aquela da alma; e Renata era uma alma sedutora.

No entanto, quando se casara com ela cercanda-a de verdadeira adoração, ela começara a ser infeliz; afastava-se como quem dá um beijo e depois foge... Passara os anos do seu casamento fugindo e

voltando, fugindo e voltando, a cada briga a fissura era maior.

— Por que não conseguimos ser felizes? — perguntara Martim certo dia, segurando-a pelos ombros, sacudindo-a como se a quisesse fazer despertar de um sonho mau.

— Não é culpa sua — dissera dela, e depois, num sopro, baixando o rosto: — Eu é que sou neurótica.

Neurótica? Complicada, sim. Clara aludira a isso algumas vezes, Renata complicava demais a vida; Mamãe nunca a censurara, Martim jamais lhe ouvira uma palavra de reprovação: Mamãe sempre queria compreender e perdoar.

Não adiantava nada ser bom, ser correto, Martim estava convencido. Depois da separação definitiva o amor continuara doendo nele, ferida que naquela noite recomeçava a latejar.

E o filho: não conseguira fazer dele um rapaz saudável. O jeito afeminado e a ligação com Carolina eram coisas perigosas aos olhos de Martim. O rapaz não parecia gostar do pai; nunca se interessara por nenhuma das suas atividades; também com a mãe, a relação débil. Algumas vezes, Camilo ainda menino, Martim o surpreendera ouvindo-a tocar, escondido. Renata não gostava de tocar para ninguém, fazia-o de maneira mecânica; só na solidão deixava que a paixão e a dor se desencadeassem; era assim que ela tocava quando Camilo espreitava, na sombra, olhos iluminados. Quem era Camilo?

Martim ficara preocupado: e se o filho quisesse ser artista também?

Tudo aquilo irritava, alimentava suspeitas, preocupações. Crescendo, Camilo passou a intimidar o pai: tão quieto, frio. Fraco, como a mãe, nas coisas práticas; mergulhado nos livros e conversando com a irmã; ouvindo discos, música clássica, a mesma que Renata escutava apartada de tudo.

Ultimamente Martim achava que já era tempo de Camilo ter uma namorada. Pensara em falar-lhe no assunto, mas encontravam-se raramente; não havia entre eles nenhum traço de camaradagem que permitisse um diálogo assim.

— Você ainda não tem namorada? — perguntaria Martim. E Camilo, erguendo os olhos do livro, talvez com uma das mãos enroscando distraidamente os cachos do cabelo da irmã, voltaria para ele o rosto delicado, contemplando-o como se examinasse um animal singular.

•

Depois de Mamãe subir com Carolina, Martim voltara ao fundo da sala para espreitar Renata. Ainda estava preso a ela, reconhecia. Ataduras soltas de um amor não resolvido enrolavam-se nele.

Martim esfregou o rosto, o sono pesava. Recordou episódios da infância dos filhos, a decepção, a frustrada intenção de aproximá-los de si, de os compreender e se fazer amar. E *amar*.

Quando tinham completado seis anos, Martim preparara uma festa, um almoço na fazenda. Talvez pensasse retratar-se publicamente, reconciliar-se com os filhos.

Depois do almoço mandara trazer a grande surpresa: um pônei para Camilo. Sela, arreios, tudo

pequeno e perfeito, a alegria de qualquer menino. Qualquer um, menos Camilo. A história, antiga, era motivo de brincadeiras dos amigos, e de brigas em família: o menino detestava a fazenda, tinha medo de animais, jamais subira num cavalo sozinho, embora algumas vezes o pai o levasse consigo ignorando seus gritos de pavor.

Talvez Martim pensasse consertar tudo à força; era a sua maneira. Queria obrigá-lo a gostar de tudo o que para seu pai era importante; provar aos amigos que o filho não era um maricas.

Vendo o pônei, Camilo tentara escapulir entre os convidados, mas as mãos poderosas do pai o haviam sentado na sela embora ele se debatesse. Logo o riso dos adultos silenciara, ficaram constrangidos. Camilo mal se mantendo na sela, aos gritos. Martim aplicou-lhe duas bofetadas, enquanto Carolina, no colo de Renata, chorava tanto quanto o irmão.

Vermelho de raiva e humilhação Martim andara à frente do cavalo puxando as rédeas, numa lenta volta ao redor da casa, à vista de todos. Camilo ali em cima, agarrando-se para não cair, o choro transformado num lamento agudo.

A partir daquele dia os laços já difíceis entre o menino e o pai praticamente se romperam. O filho agora aproximava-se de Martim, cabeça inclinada, como a defender-se de uma possível agressão.

— Ele só gosta das suas vacas — dissera à mãe um dia, quando esta lhe pedira para ser mais agradável com o pai.

“Não tem mais mundo lá fora”, notou a mulher, rosto encostado na vidraça. O nevoeiro tragara tudo, contornos e cores, a casa isolada num silêncio branco.

Quando moça, tinha medo de noites nevoentas porque receava ficar fechada e sozinha. Quem a procurasse não a poderia encontrar, não havia mapas nem roteiros que a localizassem.

Mas naquela noite sentia-se protegida: se a desgraça a quisesse alcançar, também se perderia.

Com o dedo ela escreveu seu nome no vidro embaciado: *Clara*. Por baixo, um grande P elaborado.

Depois, virando-se para o interior do quarto, abriu os braços, ergueu o rosto e começou a dançar: passos lentos, meneios lascivos, seios frouxos. Estava inteiramente nua. O cabelo cor de prata, caindo até os ombros, cintilava na luz.

Amigos da família achavam que Clara ainda poderia se casar; tivera muitos namorados quando jovem, e mesmo agora ainda havia quem se interessasse por ela. Uma bela mulher, cabelos grisalhos contrastando com a pele lisa, sempre bem maquilada.

Havia algo mal explicado em sua vida, falava-se num amor infeliz. Semanas a fio trancada em casa, tirando a poeira dos móveis, preparando pratos especiais para Mamãe ou os sobrinhos; mas todas as tardes descendo antes do jantar vestida para uma festa; de vez em quando tomava chá com amigas dos tempos de escola; mas nunca, em nada, parecia estar presente.

Uma superfície de vidro falsamente polida: não era vidro, eram águas, e no fundo havia inquietação. Passara períodos em clínicas de repouso, todos sabiam.

Haveria um lampejo de insanidade nos olhos escuros?

Clara interrompeu a dança lúbrica, golpeou com os punhos o ventre onde a flacidez começava a se instalar.

— Covarde! Covarde! — exclamou, desesperada. Sentou-se na cama sem se vestir. Recordou o pesadelo da noite anterior, sempre repetido: parada à beira de um penhasco ou no peitoril externo de uma janela muito alta. Era sugada para baixo, alguma coisa a chupava pelos pés, era nojento e irresistível. Ela sabia: se se entregasse, não voltaria nunca mais.

Seus dentes começaram a bater. Puxou um cobertor, tapou o corpo nu, encolheu as pernas, encostou-se num travesseiro contra a parede. Mechas de cabelo grudavam-se úmidas na testa.

Depois, num soluço, indagou:

— Por que você faz isso comigo?

Não conseguia superar a covardia dele. Um homem jogara nas águas serenas do corpo dela, da alma dela, a pedra da sua estranha paixão, e fora embora deixando-a num redemoinho que não se aquietava mais.

Naquele tempo Clara era uma adolescente. Mal se entreabria para a vida quando aquele homem entrara em sua floresta vedada plantando ali a loucura. E fugira.

Outras vezes ela pensava: “Me ama, sim, claro que me ama, precisa de mim e vai voltar. Não fiz o que ele pediu?”

Então começava a tecer fantasias, eram seus períodos frenéticos. Trocava de roupa a toda hora, tirava a maquiagem e refazia-a, descia as escadas arrumada como para uma festa: ele viria logo, naquela noite mesmo, naquele instante.

Depois ia ficando confusa. Martim e Mamãe a punham numa clínica onde podia dormir, descansar.

Em todos aqueles anos esquecera o rosto dele: descobrira que a verdade não existe. Tudo mentira, tudo. Os namorados que tinha, relações breves, repetiam sempre o rosto dele, cabendo em todos os rostos. E fugia deles antes de descobrir quem eram.

Aos poucos construía para si aquele amante a quem podia montar e desmontar, compor e recompor, e a quem secretamente chamava: o Padre.

•

“Ele vai voltar”, repetia. “Vai voltar”. Isso fazia sentido, ajudava-a em períodos emaranhados como aquela noite: lá embaixo, um adolescente morto. Ele e Carolina tinham sido um pouco seus filhos, seus irmãos, companheiros de solidão. Agora Camilo se matara, e ela, agarrada ao seu insensato amor sem rosto nem nome, sentia que ia se desintegrar mais uma vez. O medo soprando nela, a Morte agora tinha

identidade, era o rosto, o corpo, que fingiam ser Camilo no caixão.

Ainda estava morno quando ela lhe encostara a mão naquela tarde, dizendo num sopro:

— Acabou.

Agora devia estar frio como um boneco de porcelana.

Ele tinha sabido, Clara tinha certeza: conhecia o segredo do jogo de morrer quando os gêmeos eram menores; sabia das caminhadas noturnas ao quarto proibido, Camilo puxando a irmã pela mão. Os dois, pálidos e desgrenhados, iam namorar a Sinistra que soprava pelos lábios da doente.

Camilo encontrara afinal o que procurava tanto: noutra parte qualquer agora vivia, amava, fazia descobertas. Libertara-se daquela obsessão por uma impossível ligação com Carolina.

Encolhida na cama, ainda com frio, Clara pensou que ele fora morrer no local que mais odiava, a fazenda, aonde só ia obrigado pelo pai, ou, raramente, para agradar Mamãe.

O que o teria impellido para lá naquela tarde? O que o puxara? Quem estaria encostado no portão da fazenda, braços abertos, insinuante? Alguma coisa que provocava repulsa e atração, como no quarto de Ella? Como no amor?

•

Na sala, Martim recordava o aniversário dos filhos, seis anos, a festa, o presente de Camilo, o choro que ainda o perseguia em pesadelos.

O filho vingara-se morrendo naquele lugar, aquela morte.

Os homens que o tinham trazido à tarde haviam explicado a Martim tudo o que sabiam, mas não era suficiente, ele queria saber mais: “o que o rapaz disse? como estava? por que não impediram?”

Tiveram que lhe contar tudo várias vezes, ele os interrompia com exclamações de incredulidade e raiva, soluços.

Camilo chegara à fazenda no meio da tarde, numa disparada louca com o carro que Mamãe dera aos gêmeos meses atrás, pelos seus dezoito anos. Saltara do carro no pátio da fazenda, parecia desnorreado, e perguntara pelo cavalo mais bravo.

Surpresos, os homens tinham apontado um animal num cercado perto:

— Aquele parece o próprio Diabo, ninguém consegue montar. A gente até chamou ele de Diabo.

Sem anteciparem nada, embora notassem seu evidente nervosismo, os empregados assistiram atônitos à cena que se desenrolou em segundos: Camilo correu até à cerca, saltou sobre ela com um vigor de que não o julgavam capaz, e aos gritos se lançou desajeitadamente no lombo do cavalo, agarrado às suas crinas onde enterrava o rosto.

O animal empinou-se uma vez, deu um galope curto, um corcoveio, e derrubou Camilo no chão. Depois ainda pisoteou seu corpo inerte: a cabeça partiu-se nas pedras.

Fora difícil acalmar o animal, tirá-lo dali. Camilo, desacordado, mal respirava na camionete em que

o levaram para a cidade.

Os homens disseram a Martim que não parecia acidente: Camilo procurara a morte, jogara-se nela.

Era nos flancos dela que se agarrava urrando de ódio ou medo, e no paroxismo sujara de sangue e fezes a roupa. Morrera no momento de chegarem em casa de Mamãe.

O que os empregados não disseram foi que Camilo exalava o mesmo odor que detestava na fazenda, mas que o atraía ao quarto de Ella, onde tantas vezes pressentira, nos escombros da vida, a Morte de tocaia num canto, adiando perfidamente o abraço final.

•

Ninguém se lembrava de ter um dia proibido os gêmeos de entrar no quarto: todos na casa sabiam, lá só iam Mamãe, Martim, e raramente Clara. Alguma empregada era convocada vez por outra a subir e ajudar, limpar melhor o quarto, virar a doente na cama em dias em que Mamãe estava muito cansada. Era só; mesmo as que para lá iam, ao voltar não comentavam nada; talvez nem tivessem olhado, talvez quisessem esquecer. Talvez não houvesse nada a relatar.

Para os gêmeos, o quarto era uma ferida úmida que se cobre com as roupas, não se deixa tocar mas continua latejando. Talvez imaginassem o tempo todo o que haveria lá: animal raro, planta singular, criatura de charco enviando sinais pela casa a toda hora. Medo.

À noite, dormindo em casa de Mamãe, olhavam o escuro do seu próprio quarto: a Coisa que vive ali estaria acordada também?

Talvez a curiosidade tivesse nascido de uma ameaça: “se não fizerem o que eu quero, fecho vocês com ela no escuro...” Alguém havia dito isso?

A primeira visita dos gêmeos ao quarto: Mamãe esquecera a chave na porta e os dois tinham entrado. Iniciavam assim a longa, elaborada descoberta do poder. Podiam tudo diante daquela carcaça quase inanimada: Molusco.

— Ela fala? — perguntou Carolina, olhos acostumando-se à sombra e divisando a coisa sobre a cama.

— Não sei — respondeu Camilo, entretido em observar a cabeça desproporcional.

A enferma estertorava brandamente.

— Ela tem nome? — perguntou Carolina num fio de voz.

— Não sei.

Depois a criatura soltou um ganido e os dois fugiram ofegantes, olhos arregalados mas sabendo: voltariam.

Camilo descobrira outra chave no quarto de Mamãe. Agora eram donos da caverna. Às vezes ficavam meses sem entrar, saboreando: o quê?

Criavam mais coragem a cada visita, queriam que Ella reagisse; exploravam-na, chegavam perto,

encostavam o dedo. Levaram tempo para ter a coragem de erguer a ponta dos lençóis.

Algumas vezes, quando os gêmeos se atreviam mais, os dois olhinhos pasmados da doente voltavam-se para eles e os observavam: pretos e cruéis.

Para Camilo e Carolina havia alguma conexão entre a criatura presa ao quarto em tão prolongada agonia, e Clara preparando-se para um amor sempre adiado. Um dia tinham-lhe perguntado:

— O que você espera, sempre tão bonita?

Clara respondera:

— Espero meu noivo.

— Como ele se chama?

— Padre.

E tinham ficado, os três, à escuta, como se no meio daquela ausência ele fosse aparecer, batina preta, rosto feito de mil rostos, e um nome que Clara não lembrava mais.

•

Sentada na cama ela tentava com esforço recordar: o nariz, os olhos, a boca. Qual a cor do cabelo, o formato da cabeça? Lembrava só das mãos, grandes mãos morenas acariciando teclas como se fossem o corpo dela.

Nua debaixo do cobertor, começou a sentir renascer, como periodicamente acontecia, aquilo que desejava tanto, e tanto temia: a paixão. Maligna paixão por um homem sem identidade, que a abandonara. Esse fervor a consumira, para depois murchar numa resignação apática.

O torpor sobreviria, a rotina de arrumar-se sem já saber para quê, a alienação mansa.

Clara afastou o cobertor que a sufocava. Olhou a janela onde as letras de seu nome começavam a escorrer.

Às vezes pensava que tudo era vingança de Deus: o Padre pecara, ela o ajudara a pecar, e agora Deus os castigava mantendo-o longe. O Padre. Esse padre de batina áspera e língua macia, com cheiro de coisa proibida, o cheiro de homem que a perturbava nas primeiras aproximações: os padres não deviam ser assexuados?

Tivera até então alguns namoros meio infantis, descobria a força do seu próprio corpo; mas o Padre irrompera em sua vida como um furacão: remexera profundezas que ainda dormiam, turvara as águas num tempo em que ela ainda não tinha capacidade de se reorganizar. Em que ano fora, em que dia? De quem o primeiro gesto? O primeiro roçar da batina na blusa de seda fora porque ela se inclinara demais, ou ele?

A cada recordação, a cada devaneio, naquelas fases agitadas, Clara modificava os papéis, alternava, fantasiava de forma diferente. Mas acontecera. Os detalhes não importavam, acontecera e a rasgara ao meio.

Se Mamãe pudesse adivinhar, certamente não teria convidado o Padre para jantar; nem lhe teria

mostrado o velho piano que ninguém tocava, mas que ela mantinha afinado e coberto por um pano bordado. Talvez tudo tivesse de acontecer assim, o piano carunchado posto ali pelo destino, para que um dia o Padre o viesse acariciar despertando em Clara o jorro de emoções que não atingiriam nunca um clímax, nem se deixariam controlar.

“É para mim que ele está tocando”, sentia Clara desde as primeiras notas, com uma tontura, fraqueza no corpo: “é para mim, para mim”. Olhava as mãos dele, grandes mãos sensíveis, e queria que a desvendassem, penetrassem. Fugia da sala depois, atormentada: aquilo não era pecado?

Sempre que ele vinha, aparentemente para consolar Mamãe da enfermidade de Ella, Clara ficava por perto; sonhava com ele quando sozinha; tecia para si mesma uma louca história de amor.

Certa noite ficaram no andar de baixo, Mamãe subira para atender a doente. Martim devia ter saído, desde o acidente com a irmã de criação andava triste, Mamãe insistia para que se distraísse mais. O Padre tocava piano. Clara ouvia encostada na parede. Depois sentara-se ao lado dele na banquetta, sabendo: “ele não vai me mandar embora”. Logo estavam agarrados, como náufragos lutando para sobreviver.

Não faltaram na casa silenciosa ocasiões para abraços, toques ardentes, olhares. Era um desvario que devorava Clara em culpa e labaredas.

Um dia, ousada, telefonou para ele quando Mamãe saíra de casa:

— Venha agora, estou sozinha.

Tudo fora rápido e silencioso como num filme mudo. Quando mais tarde recordava, era sempre isso: projeção numa tela fosca sem rumor algum. Ela trancara a porta da sala de música, deitara no sofá, e dissera apenas:

— Vem.

Ajudara o Padre a tirar-lhe a blusa, a saia, entre beijos e palavras sem nexos. Quando estava quase nua, e ele a beijara e mordera e lambeu, parara de repente segurando-a pelos ombros, olhando-a com uma expressão estranha.

E numa grosseira voz de ébrio, que não era a sua, fizera o inesperado pedido.

Ainda estava todo vestido, trancado na sua batina preta, e ela ali, nos seus braços, exposta.

— Só ver? — repetira ela num eco, subitamente fria, subitamente encolhida e lúcida, o sexo fechando-se dolorido como uma anêmona a que se encostasse um dedo ácido e mau.

Ele falara aos arrancos, agora contemplando um ponto qualquer por cima da cabeça de Clara. Não era a ela que o Padre amava nem desejava: era uma obsessão, uma doença que lhe turvava a alma. Ele precisava ver, só isso, *ver*. Não queria fazer mal a ela, quase uma menina que nem sabia de nada, “o que você sabe dos tormentos da paixão?”

Vendo ele conseguiria se libertar, tinha esperança. Conseguiria aplacar a feroz inquietação que o roía por dentro. Seria quase uma visão, uma visão *mística*, ele usara essa palavra, Clara tinha certeza, essa palavra, sim, e quase a fizera rir um riso de louca. Febre mística: ver o sexo de uma mulher. E fosse Clara, menina sem pecado, seria mirar-se na fonte da vida: isso não podia ser mau.

Clara então compreendeu: ela construía um amor, o Padre apenas tivera febre; ela inventara um homem, ele sofria apenas de um delírio. Procurava, na fenda da vida, a salvação que ela não lhe poderia dar.

Seria um doente? Clara ouvira falar nisso, homens que tinham manias. Ele precisaria espiar, para esconjurar algum demônio que lhe chupava a alma?

Sentira uma profunda vergonha e ao mesmo tempo uma estranha alegria. Passada a excitação estava pesada, fria, mas também maternal. Não cuspira na cara dele, não rira do pedido, não o insultara. Amara-o naquele instante com outro amor, um tão raro amor que nunca mais conseguiria encontrar a ponta da sua própria alma envelada. Fora sórdido, fora sublime? Não sabia dizer.

Mas cedera. Num gesto rápido e gracioso tirara a calcinha. Apertando os dentes, tanta vergonha, entreabriu as pernas e, pegando nas mãos o rosto atormentado dele, guiara-o como a um cego para seu sexo inocente e triste.

•

Clara nunca mais o vira. No começo, pensara morrer. Não conseguia assimilar o que acontecera, seu mundo se desestruturara e ela não o conseguia recompor. Tivera fases de depressão, revolta, parecia doente. Nem podia falar com ninguém, tudo era estranho demais, louco demais. Pensara em matar-se quando Martim contara, em tom casual: aquele padre que freqüentara a casa por algum tempo, e tocava piano tão bem, fora transferido. Longe, longe.

Depois de alguns meses de abatimento, enganando Martim e Mamãe sobre as razões de sua transformação, Clara lançara-se numa série de namoros inconstantes. Nos anos seguintes, se falavam em amor, pensava: “será *aquilo*, o amor? Será *aquilo*, um homem?”

Queria ser amada, e não suportava que a amassem. Se lhe dissessem: “eu te amo”, fechava-se, tornava-se agressiva, feria, com o rosto inexpressivo, os olhos parados, feria como temia ser ferida.

Naquela noite, Camilo ali embaixo, estava muito aflita. Não era só o amor que ameaçava, nem a solidão que roía; havia coisas rondando no nevoeiro. Mais uma vez tentava recompor-se, explicar sua própria vida. Fazia e desfazia, cosia e descosia, armava e desarmava.

Da fantasia lhe viera quase sempre o prazer e a ternura, e a sua precária ordem interior. Aguardando aquele amante fantasma, não permitia que a fizessem sofrer. “Não quero mais sofrer”, dizia-se, “não quero mais sofrer.”

Ergueu-se, foi até à janela. Com a palma da mão esfregou a vidraça molhada, borrou os restos do seu nome. Quando voltou para a cama, nem viu que o grande P resistia um pouco mais.

Terceira parte | *Tânatos*

"A Morte se veste de roxo. Com uma rosa de lamê dourado na peruca, ah... a Morte com sua rosa dourada, sorrindo de braços cruzados."

(Lygia Fagundes Telles)

Morto, o filho começava a ocupar o coração de Renata como quem se acomoda num quarto. “Você é mais meu agora”, sentia. “Vou te dar o leite da minha dor, o leite da contemplação da tua morte.”

Não haveria mais medos nem suspeitas na memória de Camilo. Sabia-o preso na moldura daquela Ilha, onde tudo era definitivo.

Nada mais o faria mudar: todos os segredos fixados, ele exposto inerme à mais longa das observações. Livre da compulsão de ser Carolina, talvez pudesse ser o filho da sua mãe.

Renata viu que Martim a observava, mas isso não a afetava mais. Tocou as bordas do caixão como se ajudasse um barco a equilibrar-se na água. Apoiou o rosto no braço, olhou as sombras do chão. Estava aturdida: então, na treva acumulada a seus pés, como sempre que se descuidava, apareceu, redondo e feliz, o rosto do Anjo Rafael.

“Não amei assim aos outros dois”, pensava, naquele tempo, segurando-o nos braços. Com aquele filho era tão diferente. Só não o amamentara, isso não, receava tentar. Mas punha nele a esperança de refazer sua vida, de ser enfim capaz de um amor generoso.

Quase esquecia o piano, nos cuidados com o filho. A convivência com Martim estava melhor, ambos tratavam a nova felicidade como se fosse uma flor de vidro.

Os gêmeos, mais arredios ainda depois do nascimento do irmão, cresciam sob a distraída vigilância

de Mamãe, em cuja casa passavam a maior parte do tempo.

A vida parecia organizar-se lentamente: a possibilidade de ser normal.

Mas um dia o demônio voltara a rondar aquela paz: puxara a saia de Renata, acariciara seu rosto, envolvera seu coração, atrapalhara sua mente. Ela não podia mais comer, nem dormir, nem brincar com seu bebê, se não voltasse a tocar. Não tocar, para agradar alguma visita ou distrair seu coração: tocar com paixão, expondo as entranhas da própria alma desencontrada.

Então algumas vezes mandava Rafael para casa de Mamãe com a babá; sozinha no apartamento, cavalgava seu piano tremendo de prazer. Em horas assim, sentindo renascer aquela que um dia fora, Renata recordava Miguel: ele a teria amado apesar de tudo, não quisera a separação, chorara no último encontro. O rosto dele pairava à frente dela sobre o piano.

No fundo Renata sabia: nem mesmo Rafael conseguiria substituir a vocação que ela traíra.

Numa dessas tardes Clara brincava com Rafael em seu quarto, depois pretendia descer com ele ao jardim, quando apareceram os gêmeos. Resolveram ir todos juntos. Antes, Clara lembrou que queria levar uma revista nova. Voltou depressa para dentro do quarto, deixando Rafael no alto da escada, entre os dois irmãos, que deviam dar-lhe as mãos firmemente.

Clara já saía novamente do quarto quando ouviu um baque surdo, mais outro e outro, alguma coisa rolando nos degraus. Uma pancada final, um gemido fraquinho, como um miado.

Depois, silêncio.

Ninguém soubera explicar como o Anjo Rafael rolara a escada caindo no patamar, quebrando a cabecinha. Ajoelhada junto dele, Clara apenas vira, ao olhar para cima, Camilo e Carolina parados mudos e brancos, dando-se as mãos como para se ajudar.

De nada tinham adiantado as surras que, enlouquecido de dor, Martim lhes aplicara.

Apenas diziam:

— Não sei.

Renata não assistira ao enterro, o choque a deixara de cama por muitos dias. Quando saiu do quarto era uma mulher acabada. Martim mudara-se definitivamente para a fazenda, e quando precisava ficar na cidade dormia no escritório ou em casa de Mamãe. Seu relacionamento com Camilo e Carolina ficara reduzido a encontros eventuais: na verdade fugiam do pai. Entre eles e os filhos pairava, sempre, muda e terrível, a suspeita ou a acusação.

Também entre ele e a mulher sobrara a pergunta nunca pronunciada, mas, talvez, justa: “Renata, o que você fazia enquanto nosso filho...”

Martim envelhecera com a morte de Rafael. Seu olhar ficara sem luz. Mais tarde, recuperado, jogara-se no trabalho. Morava sozinho, tinha aventuras; um homem desencantado.

Renata nunca mais tocara piano. Martim vendera o do apartamento e o da fazenda. Apesar dos protestos de Clara, vendera até o piano carunchado da casa de Mamãe.

•

Agora todos haviam partido: o último visitante naufragara no nevoeiro.

Renata e Martim eram os únicos espectadores da gradual transformação de Camilo, recortado em luz no meio da sala, como um ator.

A cada hora, a expressão dele era mais tensa. Já não era espanto nem sorriso, era o intenso esforço de aprender.

“A noite da verdade,” pensava Renata. “A sua verdade agora, meu filho, é habitar esse outro lado, onde ainda não posso entrar.”

A morte, o jogo que o fascinara. A mãe sabia que, crianças, os filhos brincavam “de morrer”. Adiantava proibir, se estavam quase sempre juntos e sozinhos? Além do mais, ela andava cansada: deixava-os crescer à vontade, tranqüilizada com a idéia de que os filhos tinham um ao outro. Não precisavam dela.

Agora Camilo estava morto, morrera uma morte suja, com lágrimas e medo, e o odiado cheiro de suor de cavalo, os olhos do Diabo rolando em órbitas enormes.

O cavalo ainda pisoteara Camilo no chão, como uma amante assassina.

— Morreu feito um bicho — dissera uma das empregadas, levando a roupa dele para lavar.

•

Se pudesse falar, o morto diria:

— Eu quis entender por que nasci dividido em dois. Quis compreender a minha vida e tudo o que encontrei foi a Morte, que agora me esforço por assimilar.

Fora preciso morrer: não se contentava com as débeis luzes nos olhos de Carolina. Sua existência fora atormentada: insuficiente porque só se completaria sendo também Carolina; excessiva porque, sendo também a irmã, acabava sentindo tudo em dobro, vivia duplamente a sua própria experiência, e a de sua outra parte.

Ele precisava saber: mais inquieto do que Carolina, mais tenso e intenso, precisava alcançar o estado de perfeição, de união, chegar ao enigma que se abria lentamente para o devorar.

Crescendo, penosamente adivinhara que as almas precisam dos corpos para se tocar. Tentava transmitir isso a Carolina, mas ela entenderia? Não a queria assustar, nem ferir: ela, era uma sombra que o seguia passiva.

Imaturos, quase infantis, bastavam-lhes as carícias fraternas: o beijo na face, o toque da mão, respirar no mesmo ritmo, dormindo no mesmo quarto quando podiam. A mútua contemplação. Gostavam de estar juntos em silêncio; caminhar no jardim; ler ou estudar no mesmo livro.

Às vezes riam sem motivo, aliviando a ansiedade constante daquela situação; riam pela alegria de saber: “você existe.”

Corretos mas distraídos no dia-a-dia; quase imunes à agressividade do pai, aos maus humores e melancolias da mãe. A mãe deles fora uma grande pianista, dissera Mamãe algumas vezes: agora não tocava mais, porém em outros tempos tocara muito. Uma pianista famosa.

Algum dia alguma coisa ia acontecer: previam isso, embora não o soubessem dizer. Iam fundir-se num só? A vida repartida em dois era transitória, impossível de se manter para sempre.

Mas nos últimos meses evitavam-se para não revelarem, um ao outro, a dúvida que arranhava: “o que vai ser de nós? Por que você já não me basta?”

•

Camilo começara a trazer para casa de Mamãe um conhecido. Ele, que não tinha amigos, arranjara o belo rapaz, corpo vigoroso, riso um pouco vulgar. Fascinava os gêmeos com seu à-vontade na vida, eles tão retraídos.

Não conversaram muito sobre ele; habitualmente comentavam todas as coisas, como se, dialogando, conseguissem organizar o mundo em sua mente. Mas sobre o desconhecido, nada.

Se pudesse falar, o morto diria:

— Ele apareceu assim, numa esquina, e senti: talvez seja a solução. O que havia em seu rosto, no gesto, no movimento, que me prendeu? Que lembrança me veio dele? Quem, assim, um dia...?

Camilo jogava o jogo de morrer com Carolina; pesquisava no dourado poço dos olhos dela; interrogava a própria solidão, que condição é a minha, o que sou eu? E procurando, só multiplicava as indagações: como viver sempre só com Carolina?

Poderia dar algum passo sozinho para fora dela? Tinha esse direito? Afastando-se dela, não a mutilaria?

Se pudesse falar, o morto diria:

— Pela primeira vez mentíamos um ao outro: cada um de nós queria estar sozinho com ele, o Intruso. Por quê? Para quê? Não sabíamos. Pela primeira vez não pude mais dormir no quarto dela.

Se o Intruso se apaixonasse por Camilo e por Carolina, seria mais uma prova de que eram um só? E se eles dois, ao mesmo tempo... Mas não podia enunciar essas fantasias.

Pelos caminhos do outro, da sua loucura e prazer, poderiam finalmente integrar-se em definitivo, e viria alguma libertação?

Camilo estava lúcido; Carolina, sonâmbula.

Tudo aconteceu antes mesmo de nascermos; ainda na semente; antes da semente: quando a Morte faz o primeiro gesto, e caímos para o mundo, vindos de baixo do seu manto; depois, um segundo gesto, e retornamos ao seu regaço de sombra e mofo.

Camilo se desintegrava, roído de paixão: “ele que sopra no meu corpo essa emoção, ou é ela, Carolina?”

Camilo, antes controlado, sentia-se agora como um dos touros enfurecidos que cobriam as vacas na fazenda: impulso de atacar, arranhar, morder e matar.

•

Numa atmosfera de pesada sensualidade aquele jogo durara várias semanas. O rapaz pensava divertir-se com Carolina. Desprezava um pouco o irmão dela, irritantemente doce, grudando nele olhos sequiosos. Mas o rosto feminino, repetindo o da irmã tão estranhamente, era perturbador.

Certa manhã o rapaz deitou-se com Carolina no quarto dela em casa de Mamãe. Penetrando-a numa raiva sem ternura, de repente ele soube que era um instrumento nas mãos daqueles dois, um jogo assustador que não entendia. E lançava-se sobre Carolina como se a fosse profanar, enquanto ela se abria com dificuldade, gemendo.

No prazer ele sentira o terror da própria ambigüidade: no rosto desfeito de Carolina desejava beijar e morder a face de Camilo. Fora isso então, o tempo todo: caçando-a e sendo caçado por ela, perseguia o irmão e era por ele perseguido; e a ele agora violentava, numa funda perversão.

Carolina, num longo espasmo embaixo dele, tivera o lampejo: “Eu sou Camilo. Para esse aí em cima de mim, eu sou Camilo. Era isso que a gente queria, era isso?”

E soube também que Camilo se oferecia ao Outro nela, buscando através dela, no prazer que era agonia e dor, algo que o lançasse para além do limite. Deixando-a para sempre sozinha.

Então, virando a cabeça de lado, sentindo que ia morrer naquela crispação, enxergou Camilo encostado ao umbral, vendo a si próprio devassado sobre os lençóis.

Mas Camilo não tinha a chave e Carolina trancara a porta.

Talvez, como a chave do quarto de Ella, ele colecionasse outras, de todos os aposentos da casa. E costumaria espreitar, quando ninguém notava; entrar em todos os lugares secretamente altas horas, para contemplar os que dormiam.

•

Se pudesse falar, o morto diria:

No fundo do poço encontrei Vida e Morte, masculino e feminino, o Eu e o Outro entredevorando-se como uma serpente que engole a própria cauda. Da treva e do delírio saltou a Morte de braços abertos: bêbada de mistério.

Em todo o trajeto até à fazenda, Camilo soubera:

Alguém, alguém que um dia amei está à minha espera. Sem rosto, sem nome, guardado para mim, intacto.

Cavalgando o demônio, o cheiro do próprio sêmen misturado ao de suor e emanções brutais, ele urrara de prazer e medo, ódio e vitória. Expelira fezes e urina, e despencara enfim naquele abraço onde seria unicamente Camilo: dissolvido, liberado, a um tempo barco, passageiro e profundezas.

—Bela merda! — exclamou Mamãe, sozinha em seu quarto, sentada na cama, pernas abertas, pés inchados pendendo rentes ao chão.

Fora um dia de muitas aflições. A morte de Camilo, o estranho desespero de Carolina, a dor de Renata, a raiva surda de Martim. A placidez de Clara: ao menos ela não dava trabalho, estava numa fase calma; Clara, a que não queria crescer, sua companheira com quem tecia ano após ano uma vida doméstica fora da realidade, pequenos fatos, intrigas, lembranças talvez irreais

De camisola, Mamãe tirava a pintura com algodão passado em creme. Já desgrudara os cílios, os olhos nus eram tristes entre dobras de pele murcha. Ainda estava com a peruca. Limpava-se ao acaso, sem olhar no espelho. Para ela não era um ritual de preservação da juventude, era apenas mais um dos inevitáveis aborrecimentos de cada dia. Nem saberia dizer por que, depois de velha, continuava a enfeitar-se como aos quarenta anos, quando era forte e cheia de esperança. Vagamente sentia-se uma velha ridícula, mas nunca tivera tempo de parar na vida e constatar: envelheci. Por isso continuava, por hábito. Numa trilha como a sua, parar era perigoso: os pensamentos se acumulavam. Se a represa rebentasse, o que saltaria lá de dentro?

Mamãe fazia o que tinha de fazer, sem grandes ponderações. Faria tudo aquilo até o fim, às vezes brincava: “no dia do Juízo Final vou aparecer lá com um vidro de remédio na mão e uma fralda suja de

Ella na outra.”

Deu uma risadinha que parecia um ronco, os seios murchos balançaram.

Estava cansada e triste. E solitária. Nos primeiros anos, muitos amigos e parentes a tinham consolado da doença da filha. Até que um dia, sem aviso prévio, sumira a esperança que Mamãe cultivara apesar do ceticismo dos médicos. Instalara-se enfim a certeza: Ella não se recuperaria. Ao contrário, piorava, afundava-se naquele marasmo, estava meio imbecil, nunca mais voltaria.

Os amigos tinham vindo cada vez menos, os parentes estavam ocupados, e os médicos tinham desistido, um velho amigo da família aparecia periodicamente, dando as mesmas receitas e constatando que aquela vida pasmada não se alterara muito.

Ella arrastava-se como uma grande lesma que apenas consegue cumprir alguns centímetros do sofrido trajeto cada dia.

Mamãe gemeu; deixara um resto de pintura no rosto, a cara de um velho palhaço infeliz.

Se ao menos Ella tivesse ido em lugar de Camilo, pensou sem remorso. Ou se tivesse morrido inteiramente naquele dia, há quase trinta anos. Como se podia viver todo esse tempo daquele jeito? Se ela tivesse morrido, tudo o que haveria para cuidar seria agora uma sepultura limpa, higiênica, com hera plantada e um retrato em tom sépia, Ella na beleza dos seus vinte anos eternos.

Ella: fruto de uma noite de bebedeira, quando Mamãe era jovem e alegre. Ella também fora alegre, e paciente, pouco se queixando da evidente predileção de Mamãe por Clara e Martim. Não dera trabalho, mesmo aquilo com Martim não fora coisa séria.

Ou fora?

Mamãe segurava ainda na mãozinha gorda o chumaço de algodão sujo, sem ânimo de o jogar na cesta de papel.

Ou fora?

Mamãe sempre gostara tanto de Martim. Fazia-lhe todas as vontades, mas daquela vez fora inflexível: — Ela é sua irmã, não se fala mais nisso.

Por fim tudo pareceu se resolver, Mamãe tomando proviências. Ella iria morar com parentes distantes, Martim teria de obedecer e seguir com sua vida. Choro no escuro, olhares furtivos. Passos apressados no corredor tarde da noite? Mas Mamãe estava decidida: namoro entre irmãos, nem pensar!

Então, numa surpresa, o destino interviera, e uma simples queda tinha solucionado o drama.

Depois Ella tivera quase trinta anos para requisitar a mãe. Muitas vezes inclinando-se sobre as ruínas da filha para lhe prestar aqueles serviços repulsivos, Mamãe pensava: “Ella estará se vingando porque não a amei direito? Ou porque lhe neguei o amor de Martim?”

O corpo mole que se cobria de escaras ainda produziria pensamentos?

A doença existia e não existia, uma condição sórdida. A respiração difícil, as incessantes funções do corpo.

Ella, navio fora da rota uivando na noite. A grande bochecha branca apertando o botão. “Será que ela ri de mim?”, pensava Mamãe. “Será que ela sabe que sempre atendo porque tenho medo? Nunca me

queixo, não reclamo: medo.”

— Nunca! — disse Mamãe, olhos molhados. Comovia-se com sua própria grandeza, e também chorava de cansaço. O que Ella pretendia, agarrando-se tanto numa vida sem sentido?

— Nunca — repetiu, ergueu a mão e tirou a peruca devagar, expondo a cabeça redonda, quase calva, o crânio de Ella.

— Bela merda! — disse novamente, gostava da companhia da sua voz.

“Todo mundo nesta casa tem mania de cair”, ocorreu-lhe então.

Não era mesmo esquisito? A morte de Camilo... Pobrezinho, pobrezinho... queria poder pegá-lo no colo como fazia quando ele era pequeno, mas o menino ficava rígido, não se entregava, o amor tornava vulnerável demais, ele não queria. Pobrezinho.

Ella caíra da cerca, Camilo despencara do cavalo, e havia ainda o Anjo Rafael... Seria possível que os gêmeos não o tivessem conseguido segurar? Mamãe lembrou-se de Martim carregando nos braços o filhinho morto, chorando alto, desatinado, não podendo admitir que tudo tinha acabado, a ternura, a beleza, a inocência, a vida do bebê.

Mamãe fechou os olhos. Alguma coisa debaixo dos pés das pessoas as sugava, queria engoli-las. Também Clara sofria de um pesadelo assim, Clara, a silenciosa, que parecia pairar acima do chão.

Talvez todas as dores, todos os conflitos e dramas da família fossem castigo para ela, Mamãe: porque impedira o amor de Martim e Ella. Negar o amor era negar a vida: toda negação do amor gera a morte, não importa que amor, não importa que proibição. Fora isso?

Seus pensamentos se confundiam. Mamãe deixou-se cair para trás na cama, pernas penduradas para o chão. Um dia pensaria melhor em tudo isso, um dia falaria com Martim: “Você acha que eu o prejudiquei?”

Um dia, prometeu a si mesma. Quando não estivesse tão deprimida. Agora havia um morto na casa, e em algumas horas o enterro. O que fora a vida daquele menino estranho?

Por um instante imaginou a solidão de Carolina. Ninguém daria muita atenção a essa menina, todos tão enrolados.

Antes de adormecer Mamãe teve mais uma vez a idéia da qual fugia há tantos anos, e que sempre a assaltava nas horas em que o sono a deixava mais débil:

— Se ao menos Ella morresse de uma vez, eu poderia enfim descansar.

•

Uma empregada fazia café na cozinha. Era quase dia. Em breve as pessoas voltariam a encher a casa, sairiam estremunhadas do nevoeiro, sequiosas por café e novidades, iriam ligeiro até o caixão espiar o morto.

Havia luz no quarto de Carolina, sentada no chão sobre o tapete:

“Comecei a apodrecer”, sentia. “Não posso carregar esta parte por muito tempo, isso contagia, os vermes dele vão comer meus olhos, entupir minhas veias. A alma dele vai me arrastar consigo. E vou ser igual a Ella.”

Carolina tapou o rosto:

“Vou ser igual, cheiro de caverna e podridão, como um bicho.”

Cheirou as palmas das mãos, os braços, abriu a blusa e, baixando bem o rosto, tentou flagrar no corpo algum sinal de dissolução.

Depois apertou as duas mãos ao peito:

— Você está aqui, meu querido — disse.

Camilo teria assistido a tudo aquilo? Fora ele, encostado ao umbral, ou fora apenas delírio? Era esse realmente o caminho? Não o tinha imaginado tão intenso, enlouquecedor. Tão apavorante balançar em convulsões a beira do abismo e, na última crispação, sentir os puxões da Morte no ventre, essa avidez.

Carolina ficou lembrando o que acontecera, a fúria, o sangue rosado que depois encontrara entre os lençóis. Fora ela mesma aquela mulher indecente abrindo-se e ardendo?

Naquela instante ela tocava num lado remoto de Camilo, um lado selvagem, e que ao mesmo tempo o perdia para sempre, no corpo úmido cheirando a musgo que se esfregava no seu.

Talvez tudo tivesse sido armadilha do demônio. Tinham sido usados, os três, por alguém mais astuto e lascivo. E o próprio Intruso, forçando entrada no corpo dela, tinha uma visão de si mesmo desejando Camilo como quem deseja a própria morte, amando Camilo em Carolina que era apenas passagem?

Agora, quem possuía Camilo era a fria Dama que começava a corrompê-lo com seu toque obsceno, atingindo Carolina também. A vida: serpente voltando para dentro de si mesma, começo e fim, masculino e feminino, prazer e destruição.

Carolina levantou-se com dificuldade, o sexo ainda dolorido. Espalmou as mãos à frente dele, como para o esconder.

— A gente não podia voltar atrás? — Enterrou as unhas nos braços, arrancou pedacinhos de pele, abriu rasgões sangrentos. Arranhava com ódio e dor, queria a dor, doía menos do que pensar em Camilo apodrecendo.

Depois pareceu relaxar. Foi até o armário, estendeu a mão, tirou de dentro uma tesoura grande.

Levou-a aos lábios. Olhos cerrados, passou a língua nas bordas das lâminas como se fossem lábios amados. Sabor de sangue. O beijo: quem lhe dera um dia esse beijo de surpresa e delícia, *quem?*

Não importava mais. Tudo era mentira, exceto a Morte. As águas da verdade, contra as quais não adiantava nenhum ardil, a Morte com mil bocas chupando na lama do fundo.

Mesmo assim não podia acreditar nela, não podia submeter-se. Não ainda.

Onde rolava agora a onda da respiração de Camilo, onde ia desembocar o hálito doce que ela conhecia? As mãos dele que a tinham orientado tantas vezes: como podiam ficar tão quietas quando ela toda se dilacerava?

Não podia ser: ele tinha de estar em alguma parte, o coração pulsando. Tantas vezes ela deitara o

ouvido sobre o peito dele, para escutar aquele rumor.

E o pensamento que se ligara ao dela desde sempre: onde brilhava isso que não podia se apagar?

Era preciso concentrar-se e descobrir Camilo, que desocupara seu próprio corpo, enfeitado com aquelas flores e velas como para uma festa. Um noivado: em algum lugar, Camilo a traía.

Carolina percebera nos últimos meses: a ligação que para ela parecera perfeita agora o inquietava, andava acochado por uma turbulência que ela não conseguia entender. Alguma coisa fora dos limites do singular amor do qual se alimentavam: o quê?

Parada no quarto, tesoura nas mãos como se fosse uma flor, procurava dentro de si mesma: ia descobrir onde Camilo estava. Precisava da sua ajuda, para viver ou para morrer.

Então, devagar, ergueu os braços.

Manejando a tesoura, sem espelho, cega mas determinada, uma das mãos esticando as mechas crespas, ela foi cortando. As lâminas rebrilhavam, o metal tinia. Um antigo ofício repetido: um dia, ela cortara assim os cabelos de Camilo.

Quando os gêmeos ainda os usavam iguais, tocando os ombros. Quando tinham treze anos. Martim estava em casa de Mamãe, visitava-a seguidas vezes, e só lá via os filhos: os estranhos. Mais uma vez Martim os confundira um com o outro; irritado, assustado talvez, mandara Clara buscar uma tesoura.

Ninguém se movera, ninguém falara no cenário da sala transformada em platéia e palco. Parados, os gêmeos se entreolhavam, parecendo alheios.

Martim estendera a tesoura à filha:

— Você mesma corta o cabelo de seu irmão, para que tenha ao menos *aparência* de homem.

Camilo ajoelhara-se aos pés dela, mudo. Duas meninas de treze anos, representando no palco da sua misteriosa dimensão.

A mão de Carolina não tremera.

Agora, sozinha, ela tosava a derradeira marca que a separava de Camilo, a última identificação. Ao terminar, era a mesma figura que anos atrás se ajoelhava na sala de Mamãe: caracóis rentes ao crânio estreito, um ser andrógino, estranho.

Abriu os braços, passou-os pelo próprio corpo, agarrou-se com sofreguidão: a partir de agora, prazer e amor vinham de dentro dela: emparedada, sem janelas nem portas, sozinha. O exercício da vida era deslizar para a boca escancarada da Morte.

— Você tem de estar aqui, meu querido — sussurrou. Essa idéia a embriagou como champanhe bebido em altos cálices dourados, como encostar-se ao corpo amado e, boca a boca, deixar borbulhas bêbadas passarem de uma para outra, sangue gelado crepitando num fogo frio.

Amanhecia.
Renata e Martim recompuseram-se, ajeitaram cabelos e roupas, cada um em sua cadeira, quando a empregada entrou com a bandeja e o café. Sorveram-no depressa. Pareciam indecisos ao devolver as xícaras: e agora?

Martim levantou-se fazendo uma careta, gemeu baixinho. Fora uma longa noite, e ainda havia muito que enfrentar. Mais condolências, o enterro, depois voltar ao pequeno apartamento que nos últimos anos ocupava sozinho na cidade.

Renata voltou a recostar-se no espaldar alto: nunca mais sairia dali, como se estivesse congelada. Camilo devia estar chegando na Ilha, levado por sua noiva noturna. Os mortos, resolvidos, são sempre apenas o que desejamos que sejam; podemos jogar sobre eles montes de poeira e cinza, e ficarão aquietados para nos ajudarem a suportar. Desde que esqueçamos a pergunta: *Onde estão?*

Talvez Renata pudesse participar da nova dimensão de Camilo, se conseguisse entender a resposta. Se houvesse palavras.

Tantas vítimas. Camilo, Carolina. Martim. “O que foi que dei a ele? Também a ele não dei nada. A única coisa sólida em minha vida talvez tenha sido Martim, eu precisava de coisas sólidas: e sempre as rejeitei. Miguel teria sido sólido; Martim me teria amparado. Mas eu precisava me punir, sempre me

punir porque alguma coisa, em mim, de alguma forma, não conseguiu se organizar jamais. A música, quem sabe; mas agora é tarde.”

Talvez conseguisse ser mãe de Carolina, a sobrevivente. Amanhã, ou depois, pensaria melhor nisso. No fundo, sabia: não se inventam ternuras. Precisava desesperadamente amar, e não sabia como.

Toda a vida fizera o que tinha de ser feito: doando-se à sua arte e pagando o preço da solidão; lançando-se para Martim e causando sofrimento a tanta gente.

Esfregou as pálpebras ressequidas como papel de seda. O quadro ainda pendia torto, belo e consolador.

Então Renata compreendeu:

Não era um barqueiro: era *uma mulher*. O vulto da proa era ela, a Amada de Camilo: *Tânatos*. E se daria a ele, por baixo do sudário.

Renata enlaçou as mãos, dedos quietos. Não havia música em sua mente: havia quase paz. O nome ficou ressoando dentro dela, *Tânatos*, *Tânatos*. Seria realmente uma mulher? Mas talvez isso não tivesse nenhuma importância, o nome.

•

Martim foi até à alta janela que dava para fora, abriu as venezianas e pestanejou na claridade do dia que transformava o nevoeiro num mar de luz fosca. O ar frio entrou na sala, perfume de folhas e terra molhada. A noite acabava mas os conflitos não teriam fim. Morto, o filho escapava de todos os desejos.

Martim sabia que amava Renata sem esperança: ela seria cada vez mais tragada pelo fracasso, pela ambigüidade que a impedia de ser feliz.

Não a desejava mais fisicamente, agora que estava derrotado e dolorido. Amava nela o que nunca pudera entender, o estranho país que era a alma dela, e estava ali, belo e desejável, cheio de sofrimento.

Enquanto Martim virava o rosto para a luz opaca de fora, pensando na mulher, esta se ergueu, inclinou-se: o filho girava longe, cada vez mais longe. Deus era a Ilha ou era o mar eterno?

“Eu traí a mim mesma quando abandonei a música para ser infeliz no amor. Mas o que é traição? Não estou sempre trocando uma coisa por outra porque meu coração decide que essa outra é melhor, a ela preciso ser leal?”

Não existia traição: tudo era um constante pulsar desordenado, busca de um sentido para a vida que se precipitava para o fim. As pessoas arrastando-se no túnel, sujando as mãos, arranhando a cara, enchendo a boca de terra. Só Camilo poderia saber o que havia depois. *Tânatos*: a resposta que ele aprendia agora.

O coração de Renata estava esvaziado. Ela nunca mais ia querer tocar.

A ânsia que a castigava duplamente desde que, morto o Anjo, não tocara mais, o impulso que a fazia gemer e correr como uma alma penada, também estava morto dentro dela.

“Estou tendo que renascer mais uma vez. Mais uma tormenta, um parto: a dor, o medo, o que virá agora? Talvez enfim eu consiga descansar no vazio.”

Por um momento, os que se tinham amado ficaram imóveis: Renata, concentrada no silêncio interior; Martim, procurando ainda lutar, mas contra quem, contra o quê?

Nem ele nem Renata, ninguém senão talvez o morto conseguiu escutar aquele rumor: alguém ria na casa.

O riso arquejante de um velho demônio agachado num canto nascia do fundo do corredor lá em cima, ricocheteava nas paredes, rolava pelos degraus.

Ella estava rindo: sacudia o corpanzil de tanto rir, premia as pálpebras, virava a cabeça freneticamente no travesseiro.

O coração doente da casa explodia. Como um animal que reuniu em sua cova excrementos, folhas podres, vermes, a dor acumulada e a consciência repugnada de si mesma e dos outros começavam a rebentar.

Por toda parte, embaixo das camas, nos cantos onde ninguém limpava direito, atrás de móveis e cortinas, novelos de poeira e teias longamente tecidas agitaram-se suavemente.

O bafo dos infernos soprou na saia de Renata, que a segurou com as duas mãos: de onde vinha aquilo? Farfalhou nas costas de Martim, que se virou, intrigado: aquele hálito vinha de dentro da casa.

Depois o riso saiu pela janela e varreu as espirais de nevoeiro no jardim. Sobre as copas das árvores negras pulsou o novo dia, abrindo na bruma uma cunha de luz que pousou na sala, onde o morto se enlaçava a sua amada: e atracavam no cais.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.